

SONDAGEM

# ICS / ISCTE

Os portugueses e o 25 de abril



SONDAGEM  
ICS / ISCTE



As atitudes dos portugueses em relação ao 25 de abril de 1974 e às mudanças sociais e políticas ocorridas nos últimos 50 anos.

Pedro Magalhães (ICS-ULisboa)  
Alice Ramos (ICS-ULisboa)  
Filipa Madeira (ICS-ULisboa)  
Filipa Raimundo (Iscte-IUL)  
Isabel Flores (Iscte-IUL)  
José Santana Pereira (Iscte-IUL)  
Lea Heyne (ICS-ULisboa)  
Luís Cabrita (ICS-ULisboa)  
Luca Manucci (ICS-ULisboa)  
Paula Vicente (Iscte-IUL)

Com o apoio de Gonçalo Ceia e Lúcio Hanenberg



# ÍNDICE

1. Ficha técnica .....	2
2. Qual dos seguintes factos foi mais importante para a história de Portugal? .....	3
3. Como devia passar à história o regime político que existia antes do 25 de abril? ...	5
4. Opinião sobre tratamento dos responsáveis do regime anterior.....	7
5. Foi feita justiça em relação aos responsáveis da PIDE/DGS? .....	8
6. Como devia passar à história o 25 de abril?.....	9
7. Forma como se levou a cabo a transição para a democracia é motivo de orgulho? .....	11
8. Quando se fala no 25 de abril de 1974, qual é a figura pública de que se lembra primeiro?.....	13
9. Acha que há um partido político que represente hoje o 25 de abril mais do que qualquer outro?.....	14
10. O período que se seguiu ao 25 de abril foi agitado e revelou algumas divisões na sociedade portuguesa. Acha que essas divisões...?.....	15
11. A Constituição de 1976 refletia mais os interesses da esquerda, da direita ou de nenhum setor em especial?.....	16
12. E hoje reflete mais os interesses da esquerda, da direita, ou de nenhum sector em especial? .....	17
13. Até que ponto pensa que a sociedade portuguesa mudou desde o 25 de abril?.	18
14. Como avalia as mudanças ocorridas nos últimos 50 anos?.....	19
15. Acha que estas mudanças teriam acontecido na mesma sem o 25 de abril, ou só aconteceram por causa do 25 de abril? .....	20
16. Em relação aos seguintes aspetos, e comparando com o que se passava antes do 25 de abril, acha que as coisas em Portugal estão melhor, ficaram na mesma ou estão pior?.....	21
17. “Portugal está hoje tão mal ou pior do que estava antes do 25 de abril”? Questão direta e indireta.....	23
18. Celebrações.....	26
19. Satisfação com o funcionamento da democracia.....	29
20. Até que ponto se pode dizer que Portugal é uma democracia hoje em dia? .....	31
21. A democracia portuguesa em comparação com as europeias.....	32
22. Atitudes sociais e políticas.....	34

## 1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 20 de março e 4 de abril de 2024, resultando de uma parceria entre o jornal Expresso e a SIC e a Comissão Comemorativa dos 50 anos do 25 de abril. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (5 Regiões NUTII) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram selecionados aleatoriamente 145 pontos de amostragem onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas.

A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI (*Computer Assisted Personal Interviewing*). Foram contactados 4239 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 1206 entrevistas válidas (taxa de resposta de 28%, taxa de cooperação de 41%). O trabalho de campo foi realizado por 47 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses com 18 ou mais anos residentes no Continente, a partir dos dados da vaga mais recente do *European Social Survey* (Ronda 10). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 1206 inquiridos é de +/- 2,8%, com um nível de confiança de 95%.

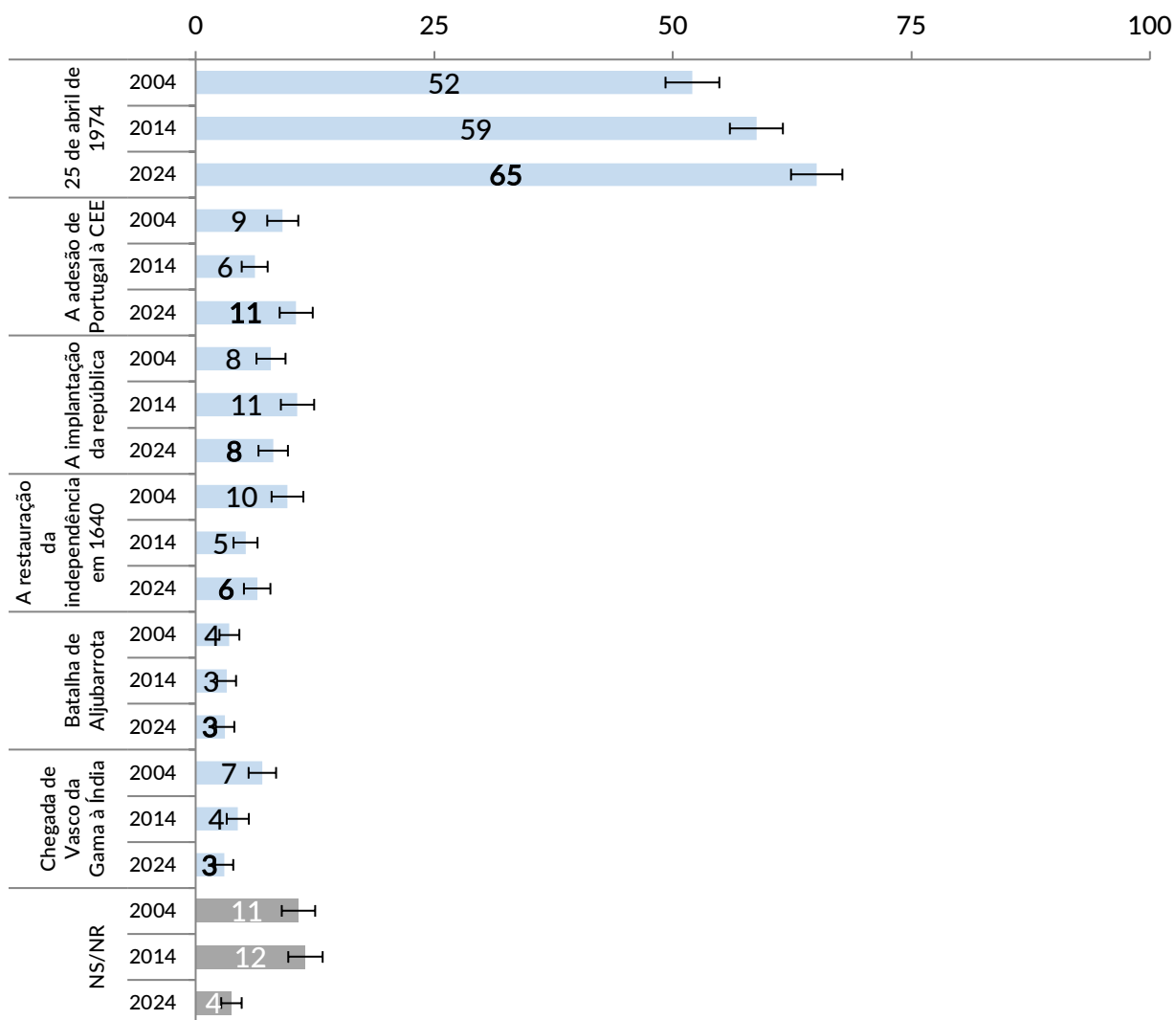
A maior parte das questões colocadas neste inquérito reproduzem integralmente as de dois estudos anteriores, realizados em 2004 e 2014. O estudo de 2004 (“30 anos depois do 25 de abril”) foi realizado pelo Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica Portuguesa para a RTP e o jornal Público, e tinha uma amostra de 1214 inquiridos. O estudo de 2014 foi realizado pela GfK Metris para o ICS/ULisboa, o jornal Expresso e a SIC, e tinha uma amostra de 1254 inquiridos. Por sua vez, os questionários destes inquéritos foram parcialmente adaptados de um estudo do *Centro de Investigaciones Sociológicas* de Espanha (Estudio 2401, *25 años después*, dezembro de 2000) sobre as atitudes da população espanhola em relação à transição para a democracia.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com “indecisos” e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso [site](#).

## 2. Qual dos seguintes factos foi mais importante para a história de Portugal?

"Na sua opinião, qual dos seguintes factos foi mais importante para a história de Portugal?"

% em relação ao total da amostra

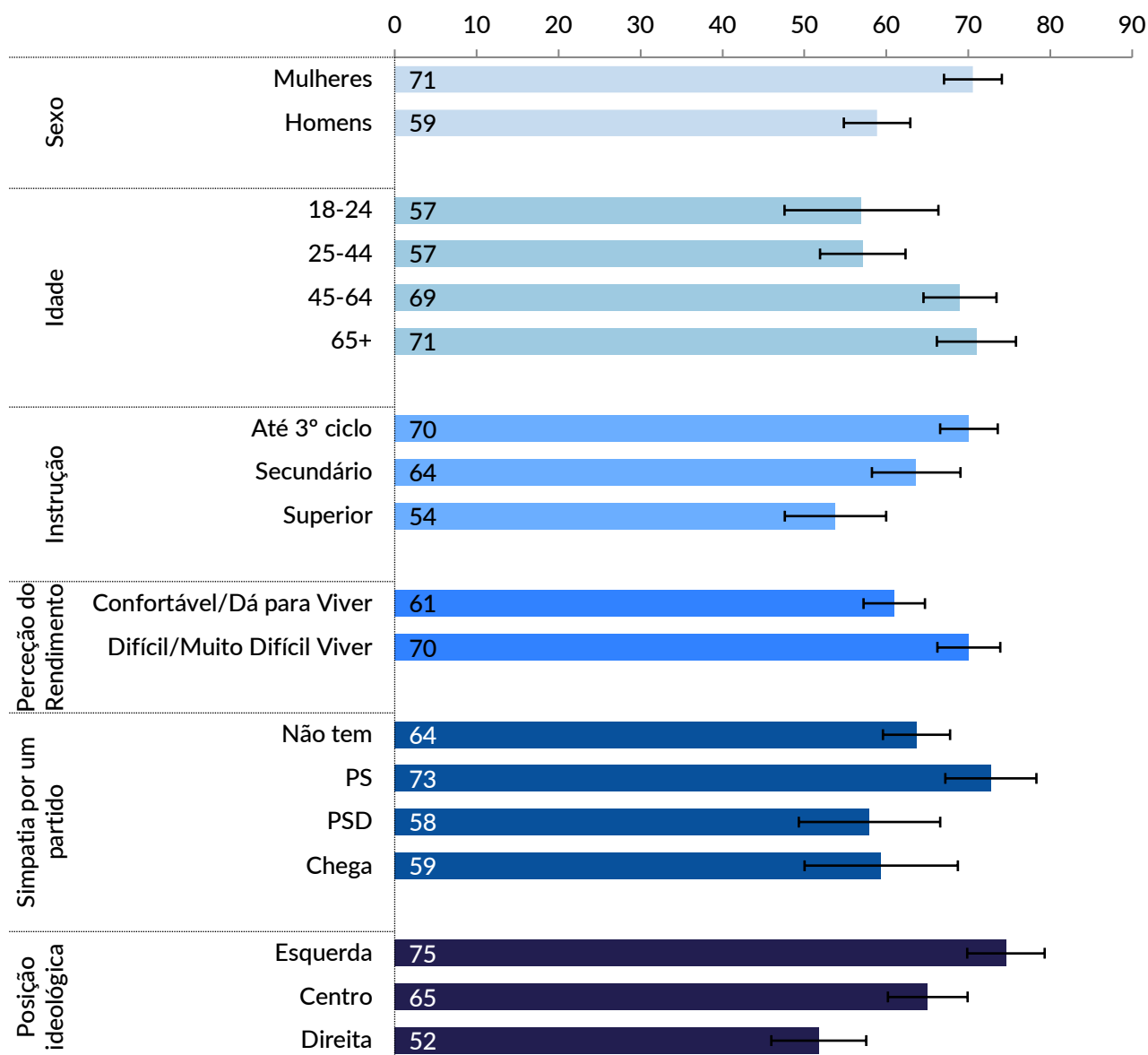


Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024. Valores são arredondamentos à unidade.

Na primeira questão deste inquérito, colocada antes de os inquiridos ficarem cientes da temática do estudo, foram apresentados seis factos históricos, perguntando-se qual deles era considerado “mais importante para a história de Portugal”. Em 2024, 65% escolheram “o 25 de abril de 1974”. Apesar de esta opção ter sido também a mais escolhida nos estudos anteriores, houve entre 2014 e 2024 um aumento significativo na percentagem de inquiridos que seleccionaram este facto como sendo o mais importante da história do país. Trata-se, de resto, de um aumento da mesma magnitude do verificado entre 2004 e 2014.

## "Qual dos seguintes factos foi mais importante para a história de Portugal?"

% que escolheu "25 de abril de 1974" em cada grupo



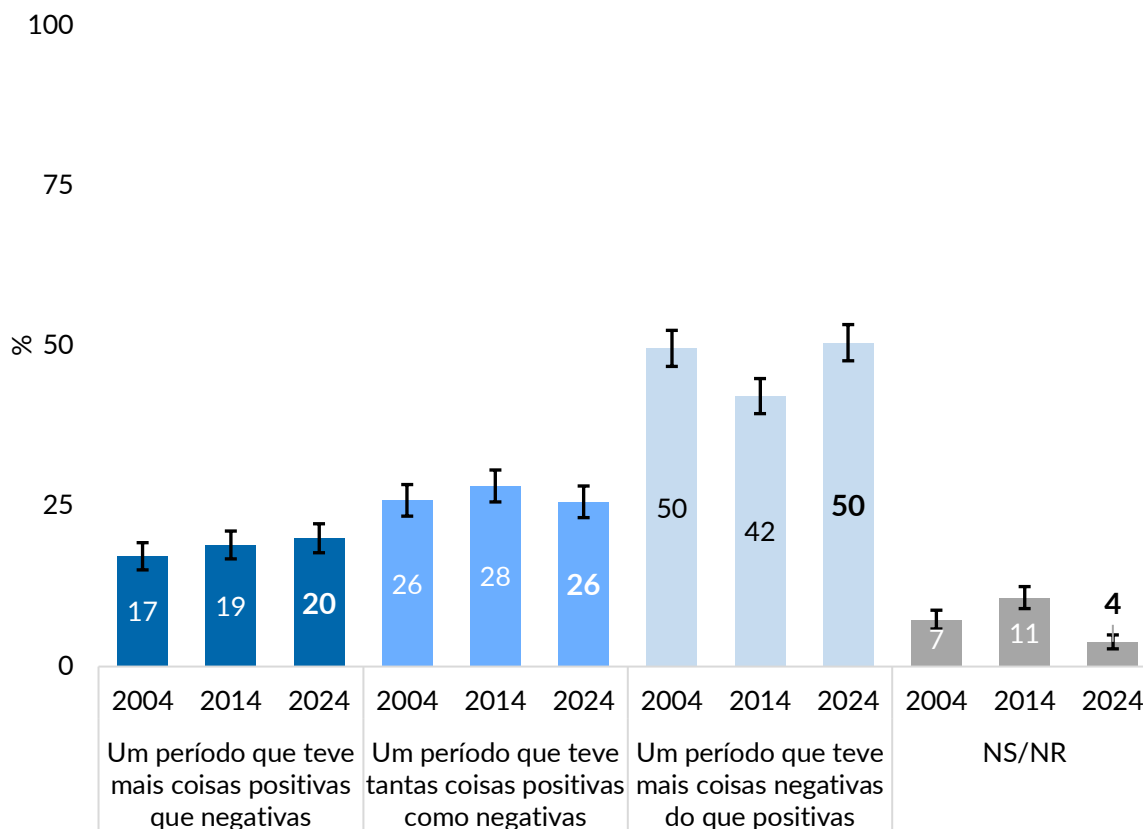
Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024. Valores são arredondamentos à unidade

O perfil sociodemográfico dos inquiridos está associado a diferentes propensões para, de entre os factos históricos apresentados, seleccionar o 25 de abril de 1974 como sendo “o mais importante para a história de Portugal”. Tal propensão é maior entre as mulheres, os inquiridos com mais de 44 anos e aqueles que vivem com maiores dificuldades, e mais baixa entre os inquiridos que completaram o ensino superior. No que diz respeito às características sociopolíticas, os inquiridos que afirmaram simpatizar com o PS tendem a seleccionar o 25 de abril de 1974 mais frequentemente do que os que disseram que simpatizam com o PSD ou com o Chega. Finalmente, apesar de a maioria dos inquiridos que se posicionam ideologicamente à direita indicarem o 25 de abril de 1974 como o facto mais importante da história de Portugal, esta opinião é ainda mais frequente entre os que se posicionam ao centro e, especialmente, à esquerda.

### 3. Como devia passar à história o regime político que existia antes do 25 de abril?

"Pela sua experiência própria ou por aquilo em que ouviu falar, como acha que devia passar à história o regime político que existia antes do 25 de abril?"

% em relação ao total de cada amostra em cada ano

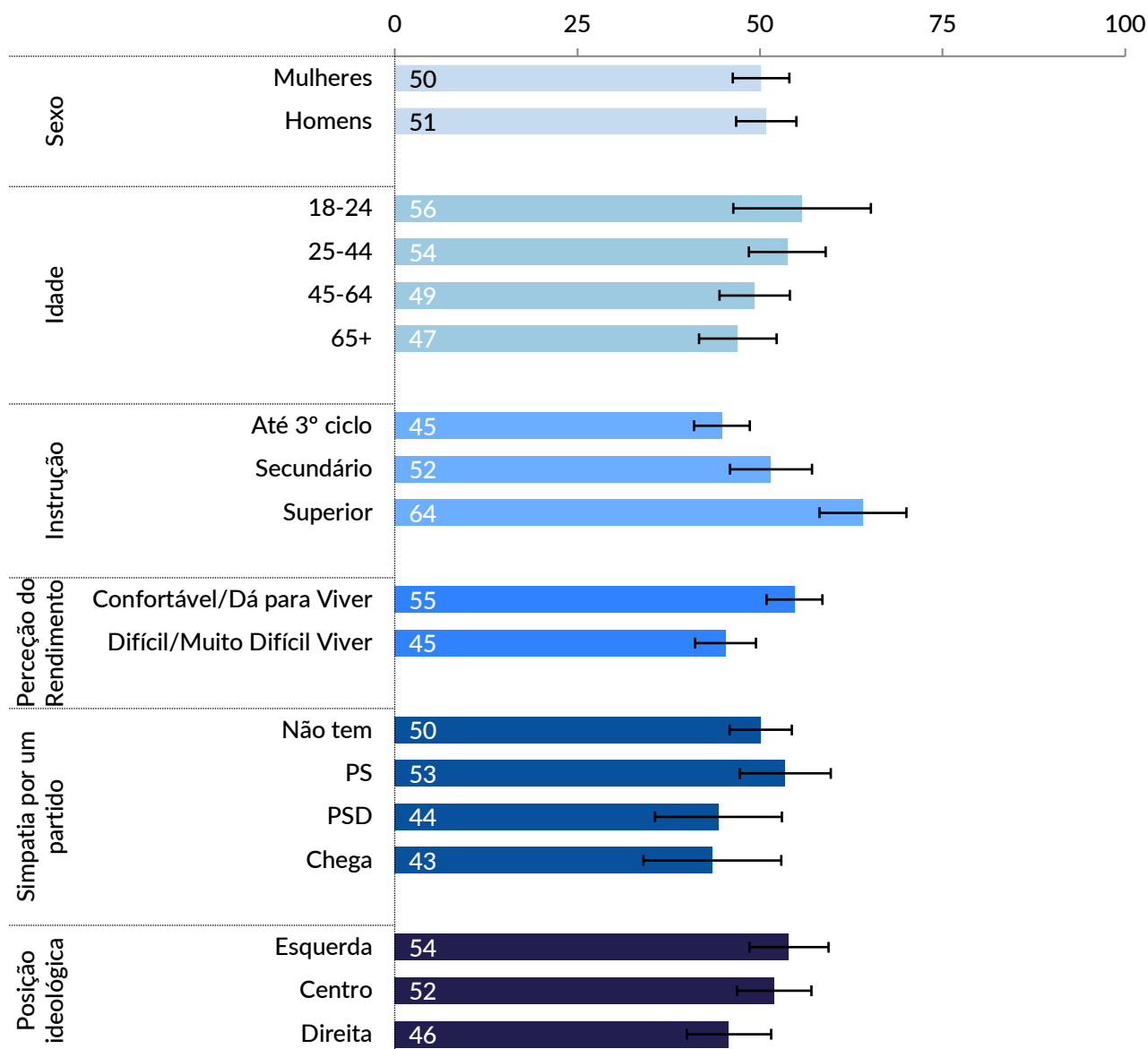


Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril

Questionados sobre “como devia passar à história o regime político que existia antes do 25 de abril”, a opção mais escolhida pelos inquiridos nos três estudos foi “um período que teve mais coisas negativas que positivas”. Depois de uma quebra em 2014, face a 2004, na proporção dos que olham para o regime anterior ao 25 de abril de forma mais negativa que positiva, em 2024 o grupo dos que expressam esta opinião voltou a representar exatamente metade dos inquiridos. Por outro lado, apenas um em cada cinco inquiridos considera que se tratou de “um período com mais coisas positivas que negativas”.

"Pela sua experiência própria ou por aquilo em que ouviu falar, como acha que devia passar à história o regime político que existia antes do 25 de abril?"

% de respostas "com mais coisas negativas que positivas" em cada grupo



Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024. Valores são arredondamentos à unidade

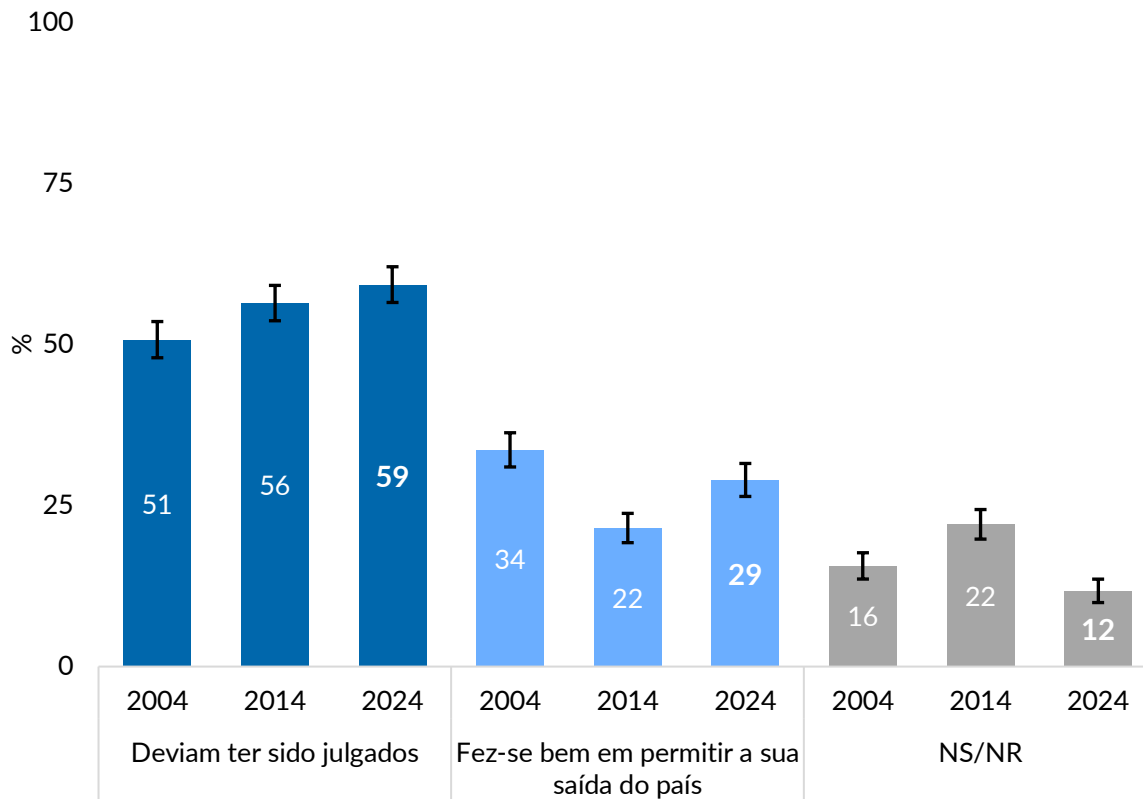
Não há diferenças muito vincadas entre subgrupos criados com base nas características sociodemográficas ou sociopolíticas dos inquiridos no que diz respeito à propensão para considerar que o regime anterior ao 25 de abril teve “mais coisas negativas que positivas”. Ainda assim, aqueles que vivem bem ou até confortavelmente com o rendimento do seu agregado familiar tendem a escolher esta opção de resposta com maior frequência do que aqueles que reportam dificuldades. Para além disso, quanto mais elevado é o nível de instrução dos inquiridos, maior a propensão para acharem que o regime anterior tinha “mais coisas negativas que positivas”, sendo que a diferença entre quem tem e não tem habilitações ao nível do ensino superior é particularmente expressiva.



## 4. Opinião sobre tratamento dos responsáveis do regime anterior

"Acha que os responsáveis políticos do regime anterior deviam ter sido julgados pelos atos de repressão política que foram cometidos ou que se fez bem em permitir a sua saída do país?"

% em relação ao total de cada amostra em cada ano



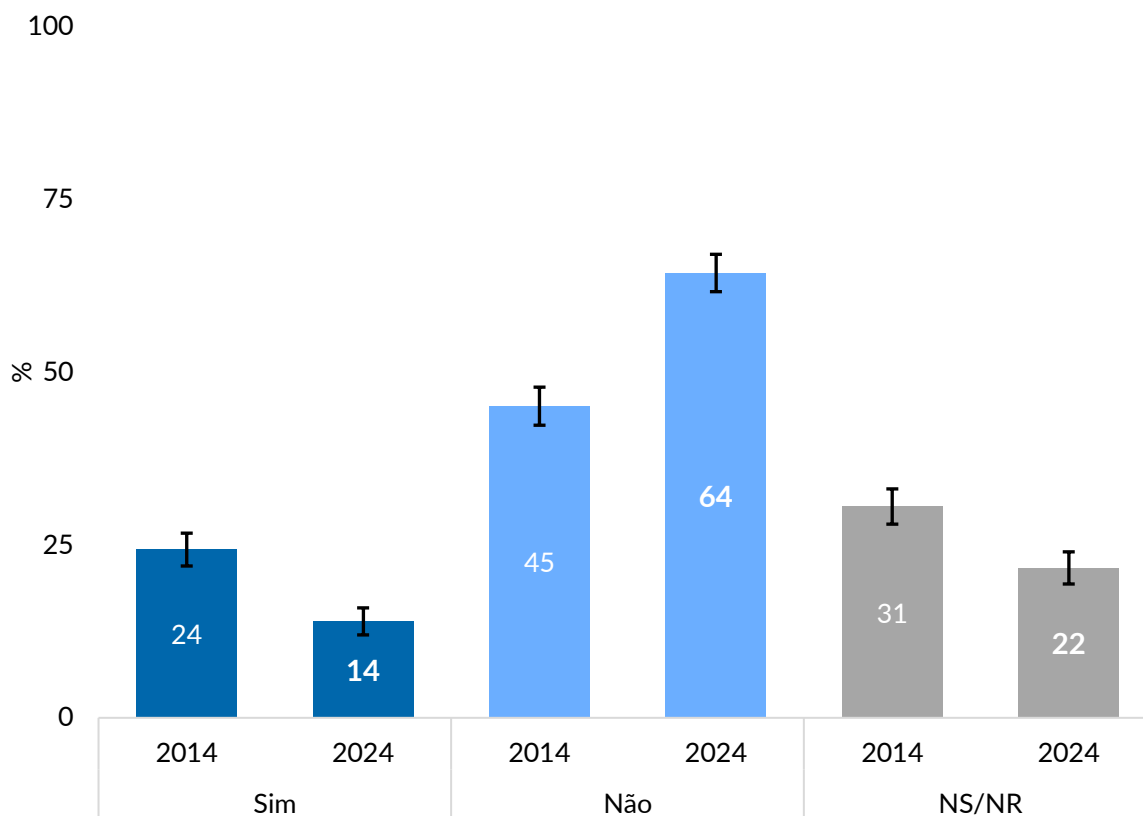
Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril

Em 2024, a maioria dos inquiridos (59%) considera que os responsáveis políticos do regime anterior “deviam ter sido julgados pelos atos de repressão política que foram cometidos”. O mesmo já se passava nos estudos realizados em 2004 e 2014, notando-se, contudo, uma tendência de aumento ao longo do tempo da proporção dos que expressam esta opinião.

## 5. Foi feita justiça em relação aos responsáveis da PIDE/DGS?

"Relativamente aos funcionários da PIDE/DGS responsáveis pela repressão, acha que foi feita justiça?"

% em relação ao total de cada amostra em cada ano



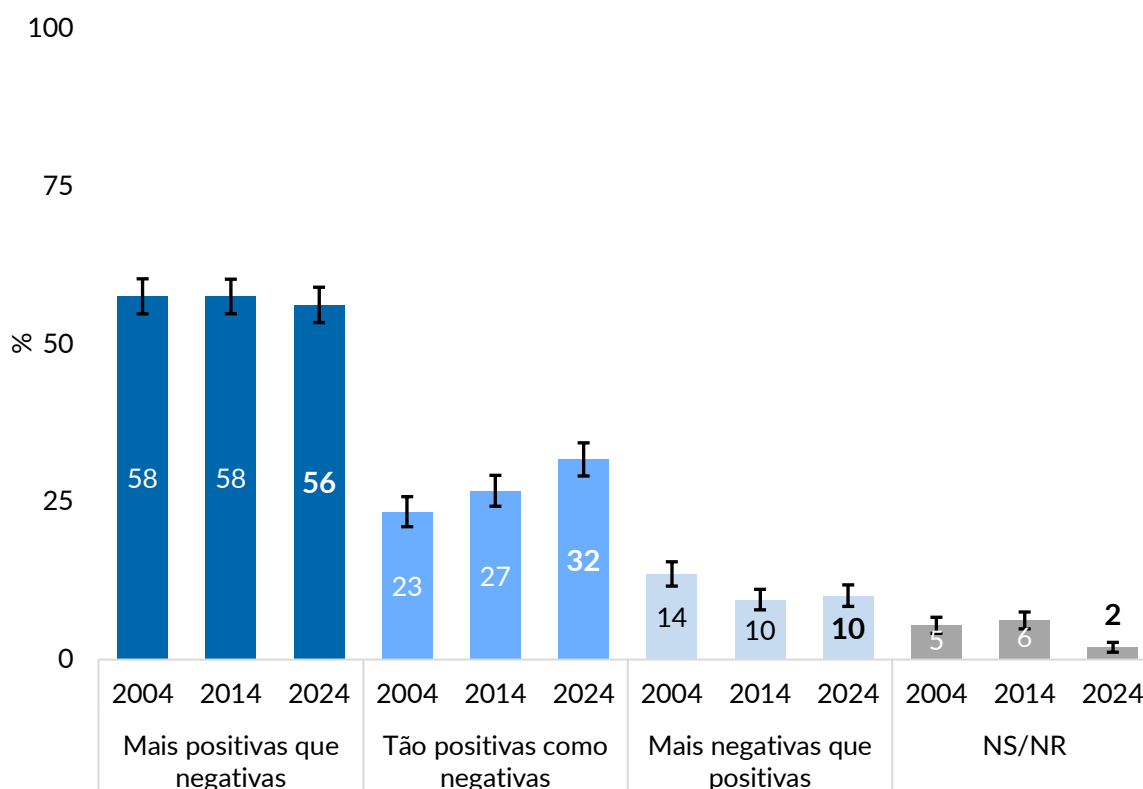
Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril

O sentimento de que não “foi feita justiça” “relativamente aos funcionários da PIDE/DGS responsáveis pela repressão” aumentou nos últimos dez anos. Se, em 2014, 45% dos inquiridos expressavam esta opinião, em 2024 são 64% a fazê-lo. Trata-se, assim, de um crescimento na ordem dos 19 pontos percentuais. Por outro lado, apesar de ter havido uma diminuição, continua a ser expressiva a proporção de inquiridos que não expressa uma opinião sobre este tema (22%, contra 31% em 2014).

## 6. Como devia passar à história o 25 de abril?

"Como acha que o 25 de abril devia passar à história: como algo que teve consequências mais positivas que negativas, tão positivas como negativas, ou mais negativas que positivas?"

% em relação ao total de cada amostra em cada ano

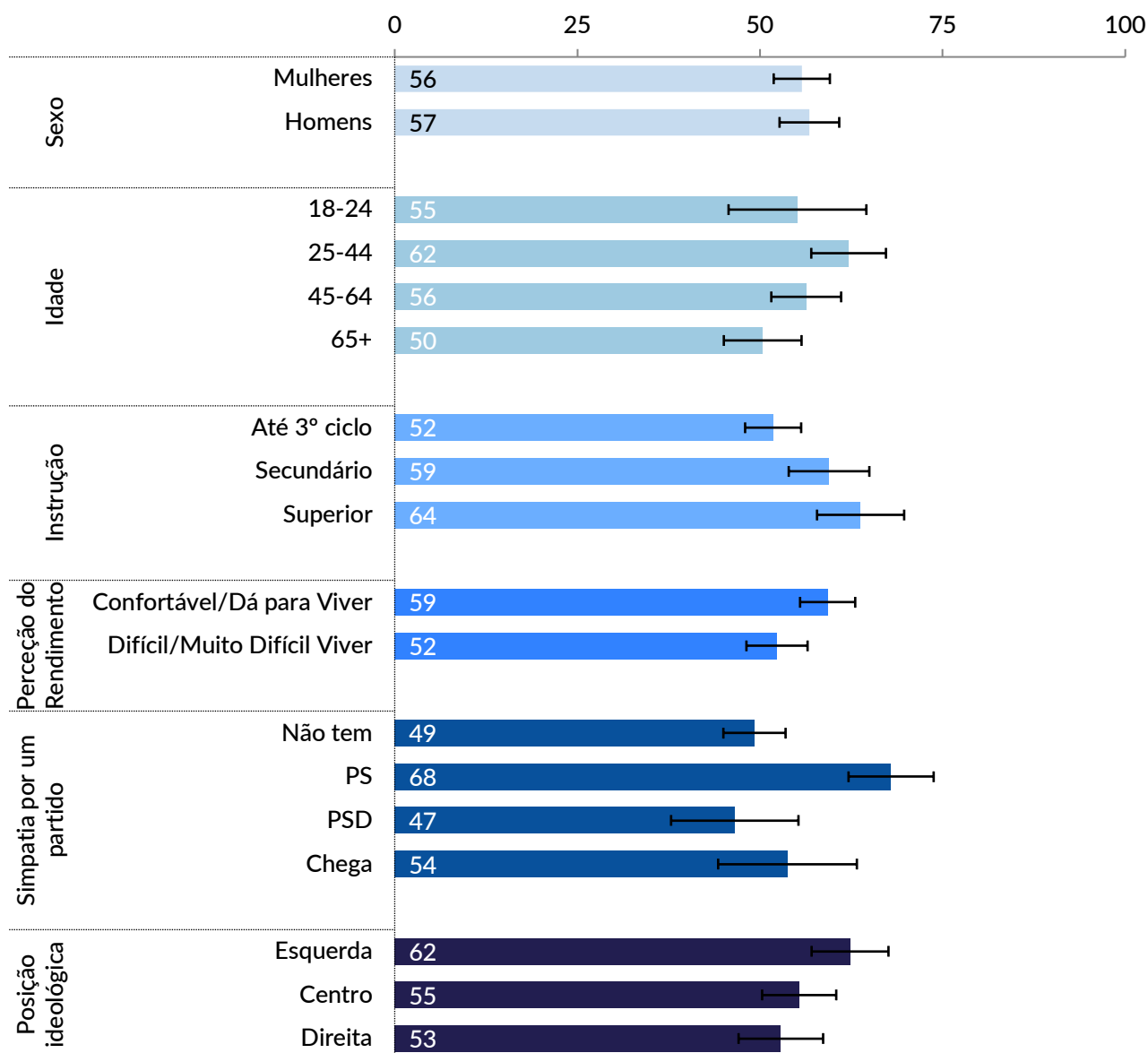


Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril

Em 2024, como de resto em 2004 e 2014, mais de metade dos inquiridos exprime a opinião de que “o 25 de abril deveria passar à história” como tendo tido “consequências mais positivas que negativas”. Contudo, observa-se um aumento gradual da proporção daqueles que consideram que o 25 de abril teve consequências “tão positivas como negativas”, ideia partilhada atualmente por cerca de um terço dos inquiridos. O grupo de inquiridos que têm uma visão predominantemente negativa das consequências do 25 de abril mantém-se, desde 2014, nos 10%. Apenas 2% dos inquiridos afirmaram não saber ou recusaram responder a esta pergunta neste inquérito de 2024.

## "Como acha que o 25 de abril devia passar à história?"

% de respostas "com consequências mais positivas que negativas" em cada grupo



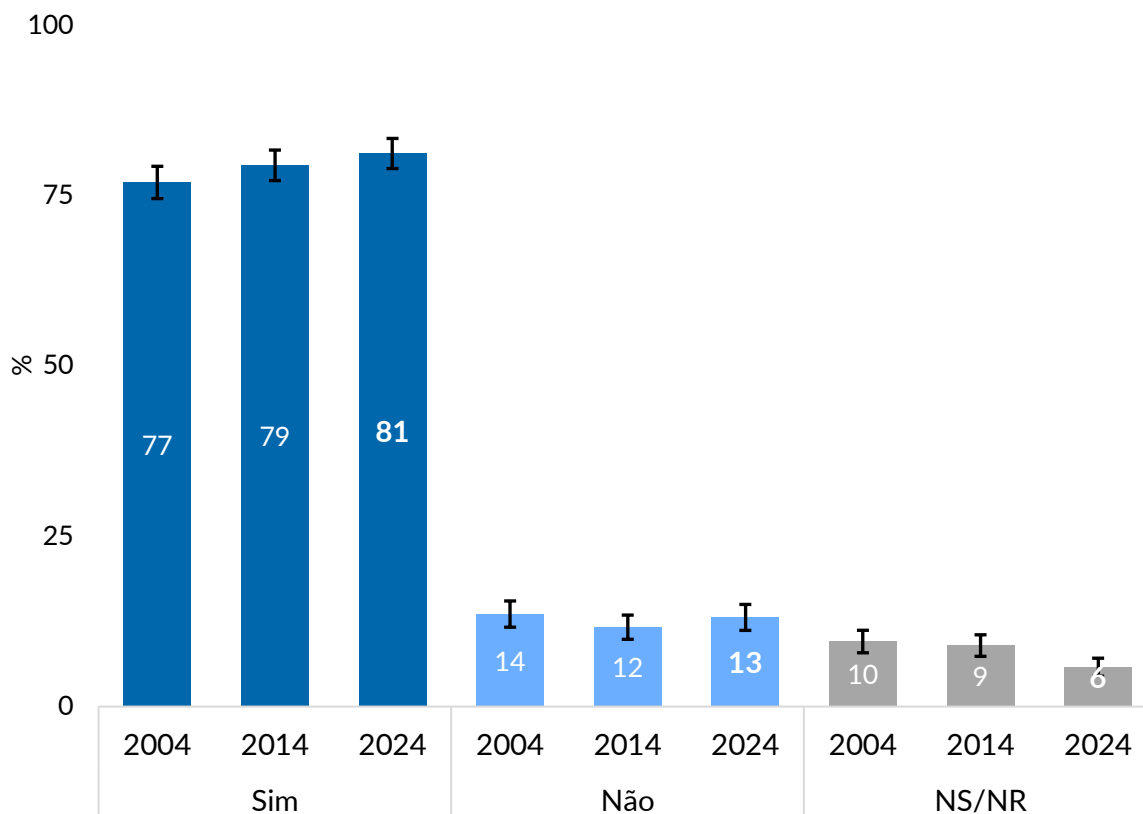
Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024. Valores são arredondamentos à unidade

Apesar de a opinião maioritária em todos os grupos analisados ser a de que o 25 de abril teve “mais consequências positivas que negativas”, encontramos algumas diferenças entre grupos sociodemográficos e sociopolíticos. Por exemplo, esta é uma opinião mais frequentemente escolhida pelos inquiridos com nível de instrução mais elevado, cujo rendimento permite viver sem dificuldades, e que têm entre 25 e 44 anos, especialmente em comparação com quem tem menores níveis de instrução, maior dificuldade em viver com o rendimento do seu agregado e mais de 65 anos, respetivamente. Quanto à simpatia partidária, os inquiridos que simpatizam com o PS têm maior propensão para avaliar de forma predominantemente positiva as consequências do 25 de abril que quem não tem simpatia por nenhum partido ou quem simpatiza com o Chega ou com o PSD. A expressão desta opinião tende a ser mais frequente entre aqueles que se posicionam à esquerda do que entre os que se posicionam ao centro ou à direita.

## 7. Forma como se levou a cabo a transição para a democracia é motivo de orgulho?

"Acha que a forma como se levou a cabo a nossa transição para a democracia constitui um motivo de orgulho para os portugueses?"

% em relação ao total de cada amostra em cada ano

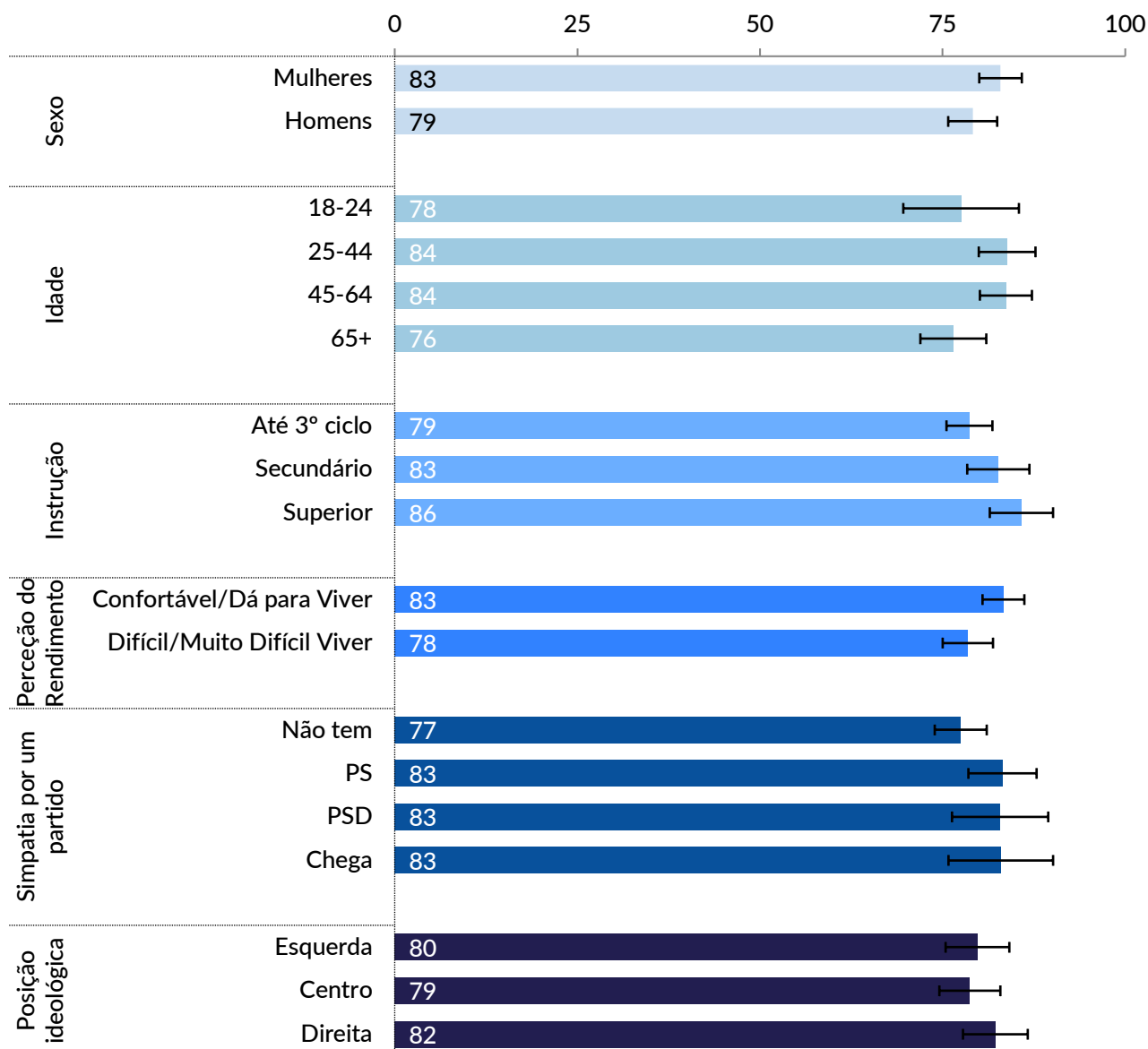


Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril

Quatro em cada cinco inquiridos consideram que a forma como se levou a cabo a transição para a democracia é "motivo de orgulho para os portugueses". Há uma tendência para que esta opinião seja ligeiramente mais comum hoje do que era há 20 anos. Ao mesmo tempo, a proporção dos que dizem não saber ou recusam responder é, em 2024, mais baixa que há 10 ou há 20 anos.

"Acha que a forma como se levou a cabo a nossa transição para a democracia constitui um motivo de orgulho para os portugueses?"

% de respostas afirmativas em cada grupo



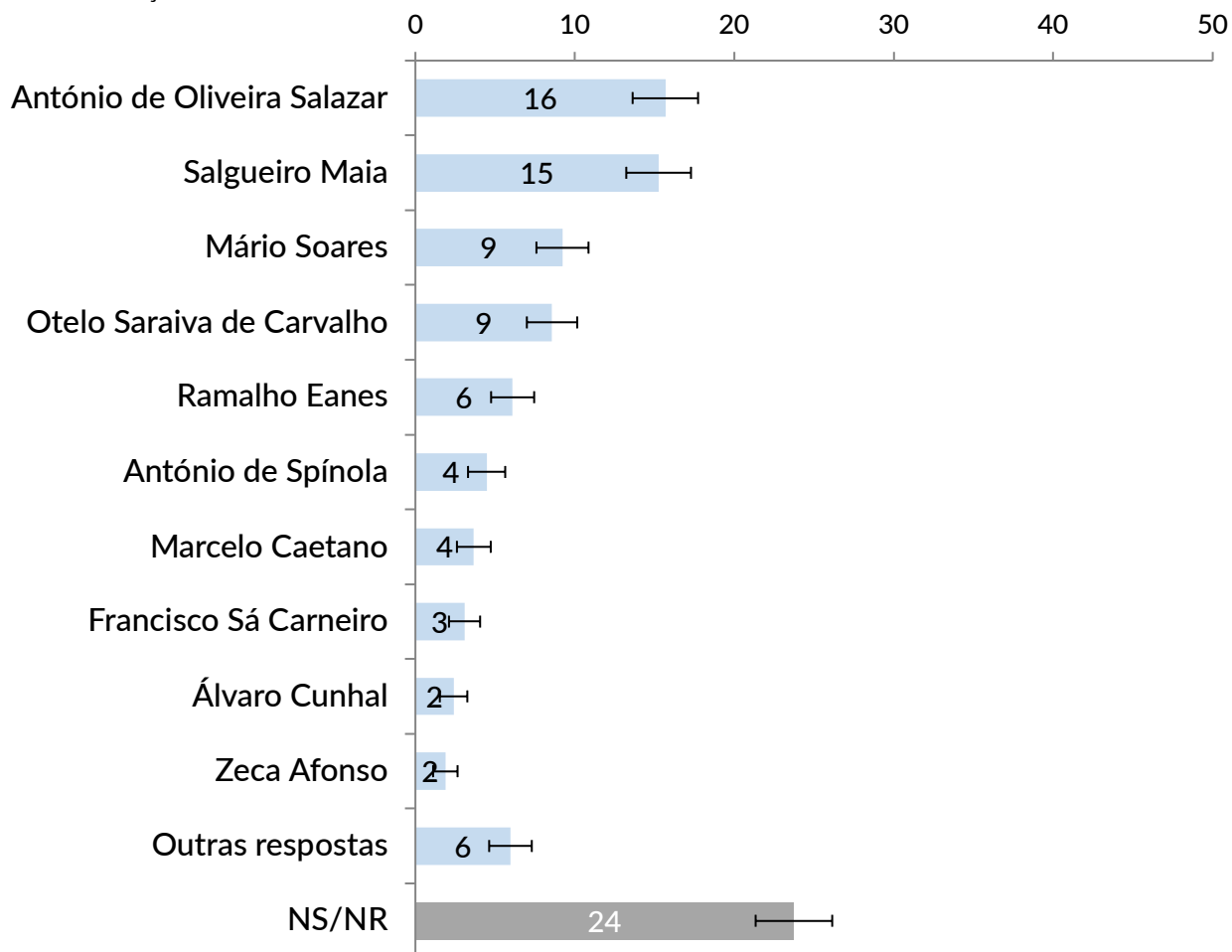
Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024. Valores são arredondamentos à unidade

Existe um considerável consenso entre subgrupos sociodemográficos e sociopolíticos em relação a esta questão, mas algumas tendências são dignas de nota. Por um lado, as mulheres, os idosos, os menos escolarizados e os que reportam dificuldades em viver com o rendimento do seu agregado familiar são ligeiramente menos propensos a achar que os portugueses se devem orgulhar do modo como ocorreu a transição para a democracia, quando comparados com os homens, os inquiridos com idades intermédias (25-44 e 45-64 anos), os detentores de um diploma do ensino superior e os que expressam avaliações mais positivas sobre rendimento de que dispõem, respetivamente. Em termos sociopolíticos, quem não simpatiza com nenhum partido é tendencialmente menos propenso a concordar com esta afirmação do que quem afirma simpatizar com o PS, com o PSD ou com o Chega.

## 8. Quando se fala no 25 de abril de 1974, qual é a figura pública de que se lembra primeiro?

"Quando se fala no 25 de abril de 1974, qual é a figura pública de que se lembra primeiro?" (questão aberta)

% em relação ao total da amostra



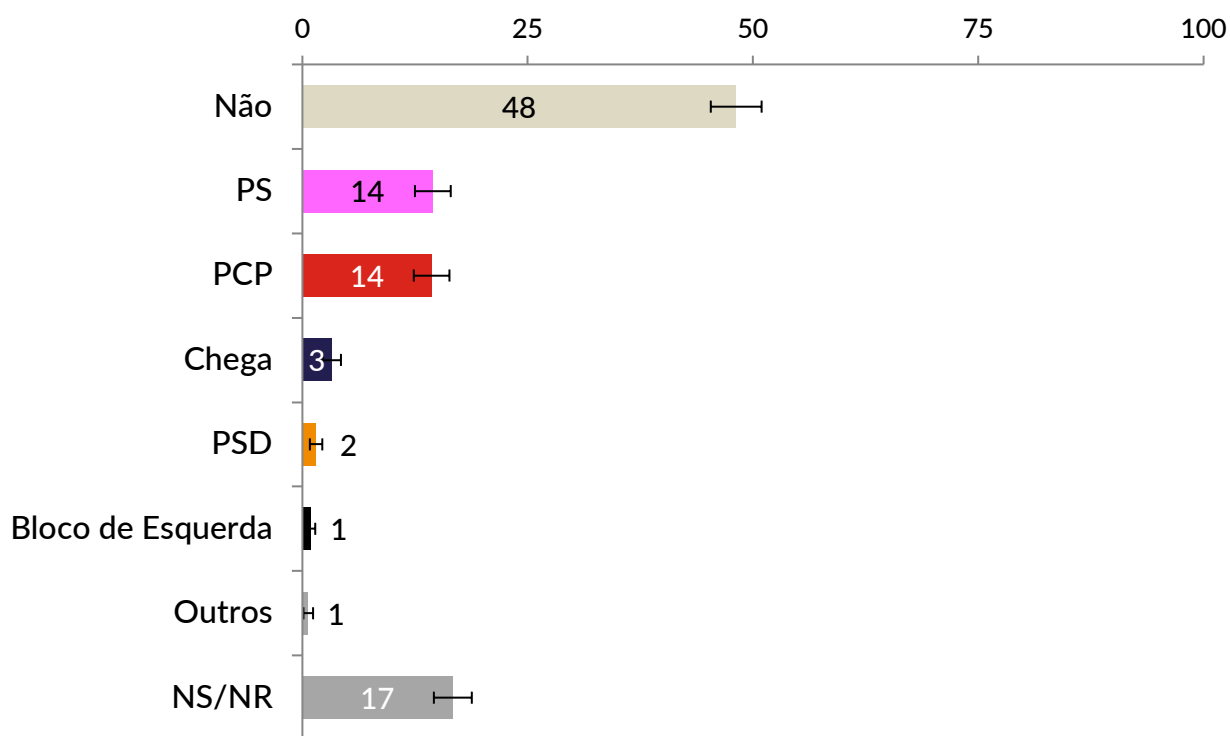
Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024

Quando questionados sobre a figura pública de que se lembram primeiro quando se fala do 25 de abril de 1974, 24 por cento dos inquiridos dizem não saber ou recusam responder. Esta é, de resto, a resposta mais comum. António de Oliveira Salazar e Salgueiro Maia são mencionados espontaneamente por proporções similares de inquiridos (16 e 15 por cento, respetivamente) como sendo as figuras públicas que lhes ocorrem primeiro quando se fala do 25 de abril. São seguidos por Mário Soares e Otelo Saraiva de Carvalho, referidos cada um por 9 por cento dos inquiridos. Seis outras figuras públicas são mencionadas por proporções inferiores dos inquiridos.

## 9. Acha que há um partido político que represente hoje o 25 de abril mais do que qualquer outro?

"Acha que há um partido político que represente hoje o 25 de abril mais do que qualquer outro? Se sim, qual?"

% em relação ao total da amostra



Data de Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024

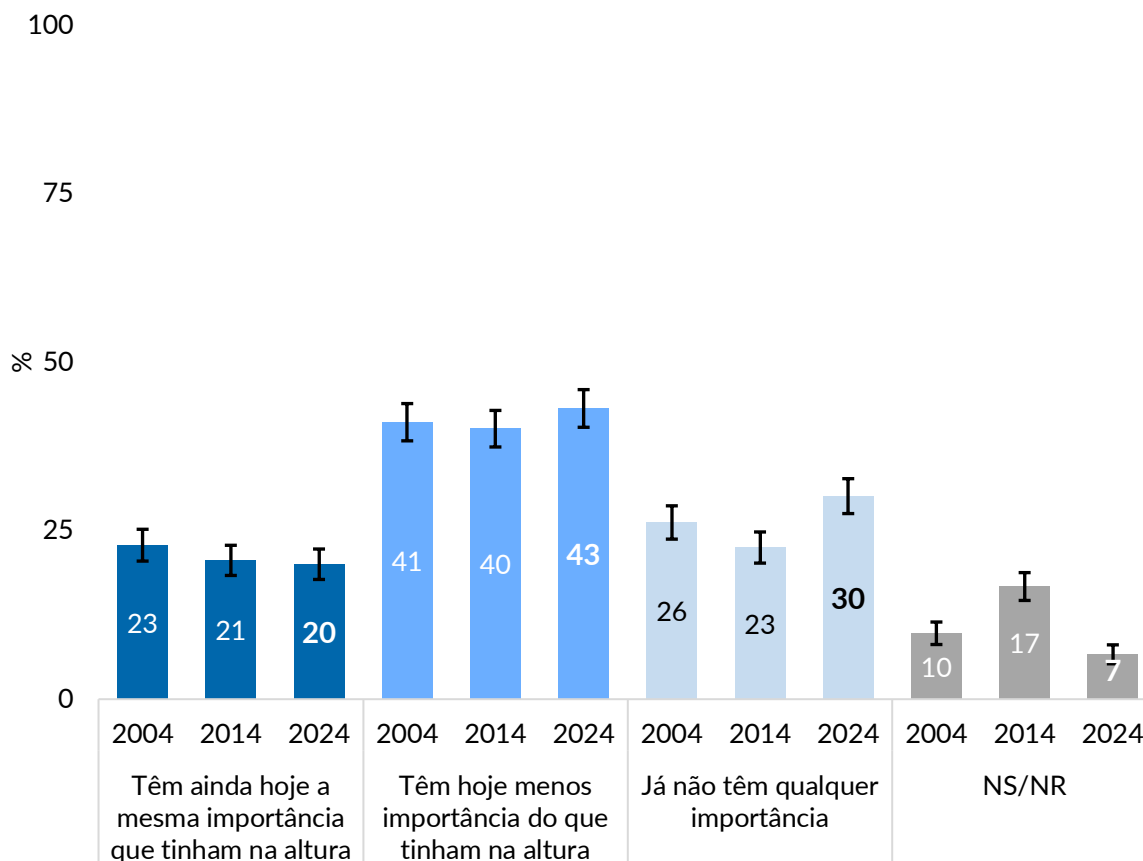
Quase metade dos inquiridos (48%) não considera que haja “um partido político que represente hoje o 25 do abril mais do que qualquer outro”. Para além disso, 17% dos inquiridos não souberam ou optaram por não responder a esta questão. Entre os restantes inquiridos, o PS e o PCP são os partidos mais mencionados, com taxas de referência de 14% cada um. Os restantes partidos apresentam níveis residuais de associação percebida com o 25 de abril.



## 10. O período que se seguiu ao 25 de abril foi agitado e revelou algumas divisões na sociedade portuguesa. Acha que essas divisões...?

"O período que se seguiu ao 25 de abril foi agitado e revelou algumas divisões na sociedade portuguesa. Acha que essas divisões..."

% em relação ao total de cada amostra em cada ano



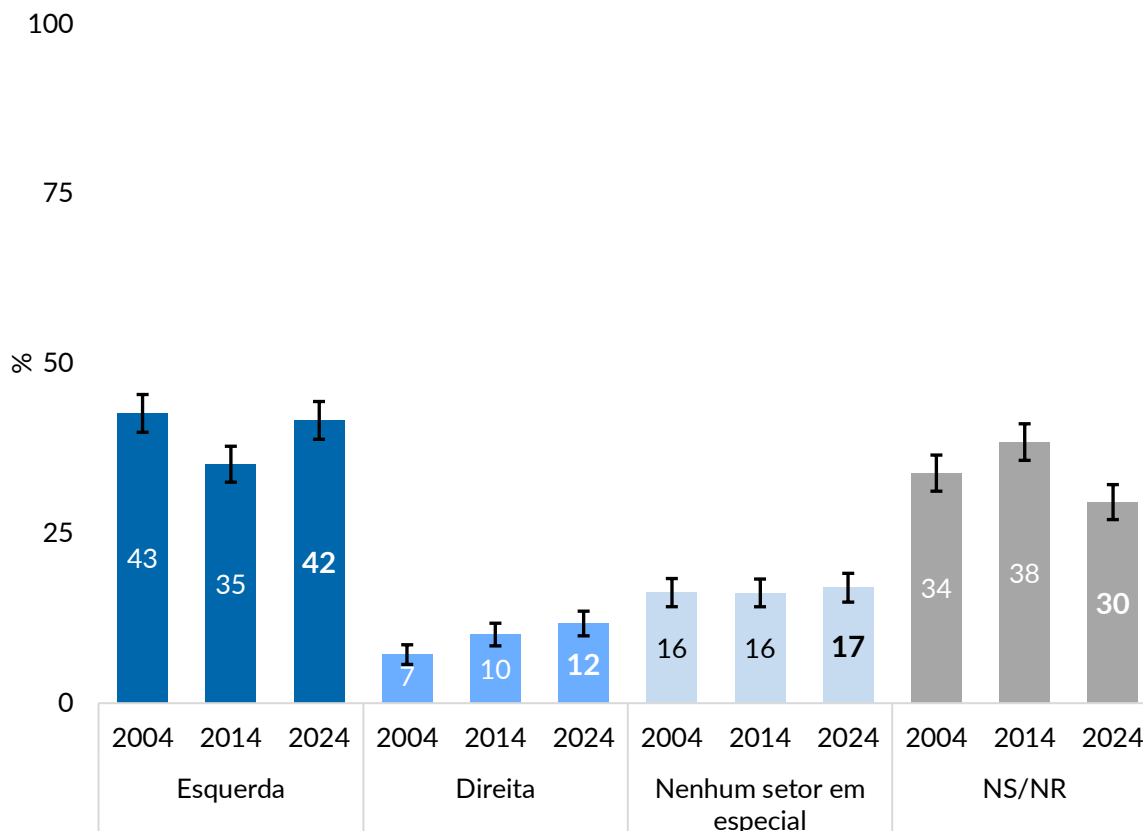
Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril

Pouco menos de metade dos inquiridos em 2024 (43%) entende que as divisões na sociedade portuguesa que surgiram no pós-25 de abril “têm hoje menos importância do que tinham na altura”. Este valor é muito semelhante ao encontrado nos estudos de 2004 e 2014. 30% respondem mesmo que essas divisões “já não têm qualquer importância”, sendo esta uma percentagem bastante superior à encontrada em 2014. Apenas um em cada cinco inquiridos considera que essas divisões “têm hoje a mesma importância que tinham” à época.

## 11. A Constituição de 1976 refletia mais os interesses da esquerda, da direita ou de nenhum setor em especial?

"Por aquilo que sabe ou ouviu dizer, acha que a Constituição de 1976 refletia mais os interesses da esquerda, da direita ou de nenhum setor em especial?"

% em relação ao total de cada amostra em cada ano



Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril

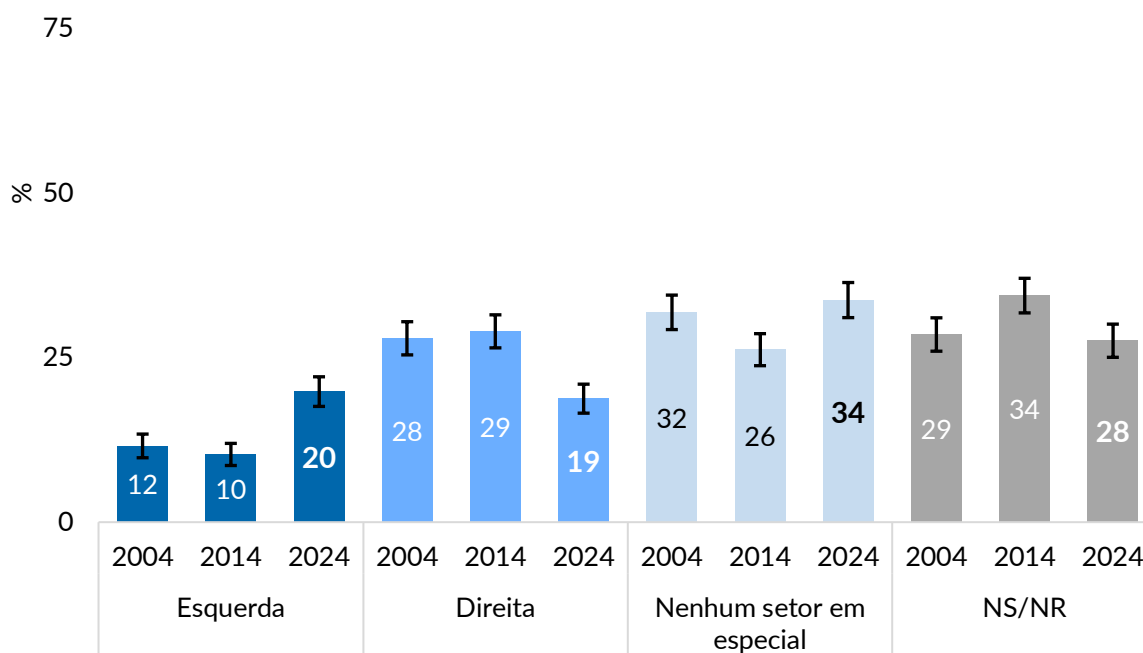
Há muito mais inquiridos a considerar que a Constituição de 1976 refletia mais “os interesses da esquerda” (42%) do que a achar que este documento espelhava mais “os interesses da direita” (12%) ou que não refletia os interesses de “nenhum setor em particular” (17%). Esta distribuição é globalmente semelhante à encontrada nos estudos de 2004 e 2014, embora neste último se tenha identificado uma menor propensão para entender a Constituição de 1976 como estando em linha com os “interesses da esquerda”. Para além disso, a percentagem de inquiridos que acreditam que a Constituição de 1976 refletia mais os “interesses da direita” aumentou entre 2004 e 2024. Por último, nos três estudos, cerca de um terço dos inquiridos (quase dois quintos em 2014) declarou não saber ou optou por não responder a esta pergunta.

## 12. E hoje reflete mais os interesses da esquerda, da direita, ou de nenhum sector em especial?

"Tendo em conta as alterações que foram feitas à Constituição até agora, acha que ela reflete hoje mais os interesses da esquerda, da direita, ou de nenhum setor em especial?"

% em relação ao total de cada amostra em cada ano

100

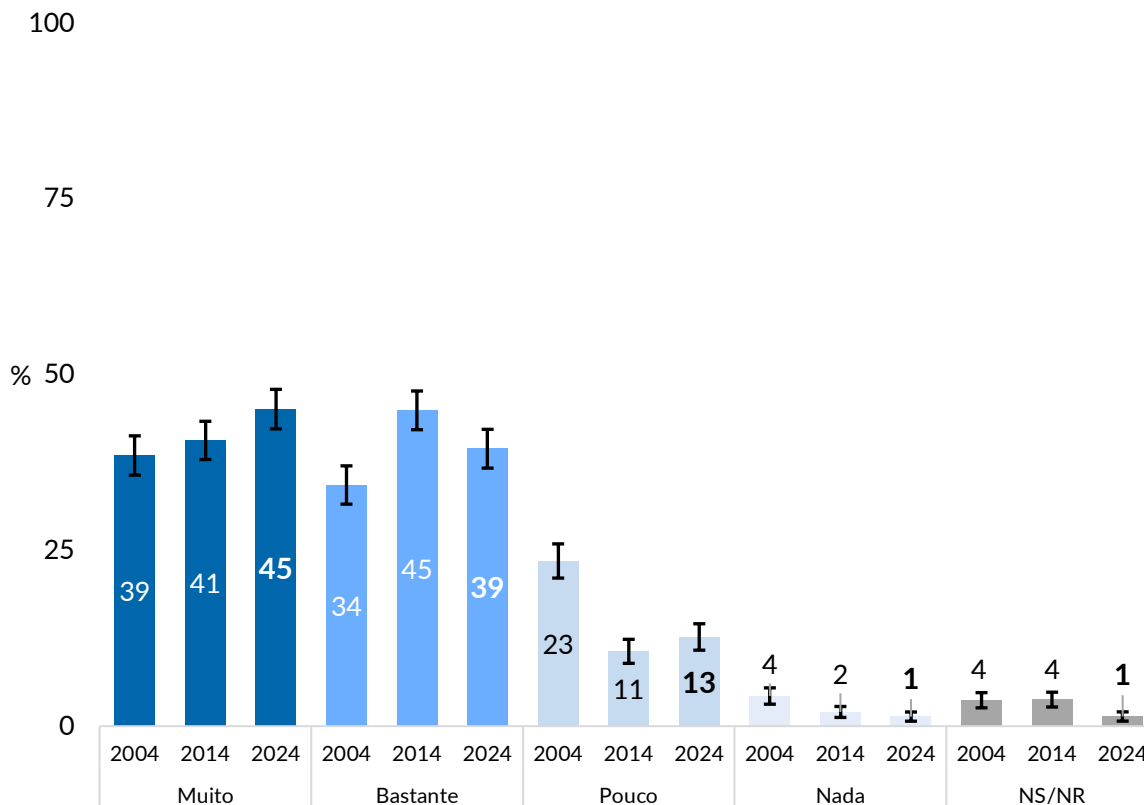


Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril

Quando questionados sobre a atual Constituição, tendo em conta as alterações de que esta foi alvo até hoje, o panorama é bastante diferente do encontrado quando a questão incide sobre a Constituição de 1976. De facto, cerca de um terço dos inquiridos em 2024 (34%) pensa que a Constituição não reflete hoje os interesses de qualquer setor ideológico em particular. Ao longo do tempo, foram ocorrendo algumas mudanças dignas de nota. Por exemplo, em 2024, há mais inquiridos a entender a atual Constituição como um reflexo dos “interesses da esquerda” (20%) do que em 2004 e 2014 (12 e 10%, respetivamente). De igual modo, a proporção de inquiridos que consideram que a atual Constituição reflete mais “os interesses da direita” desceu de quase 30% em 2004 e 2014 para 19% em 2024. Mais uma vez, cerca de um terço dos inquiridos declarou não saber ou não quis dar uma resposta a esta pergunta.

### 13. Até que ponto pensa que a sociedade portuguesa mudou desde o 25 de abril?

"Até que ponto pensa que a sociedade portuguesa mudou desde o 25 de abril?"  
% em relação ao total de cada amostra



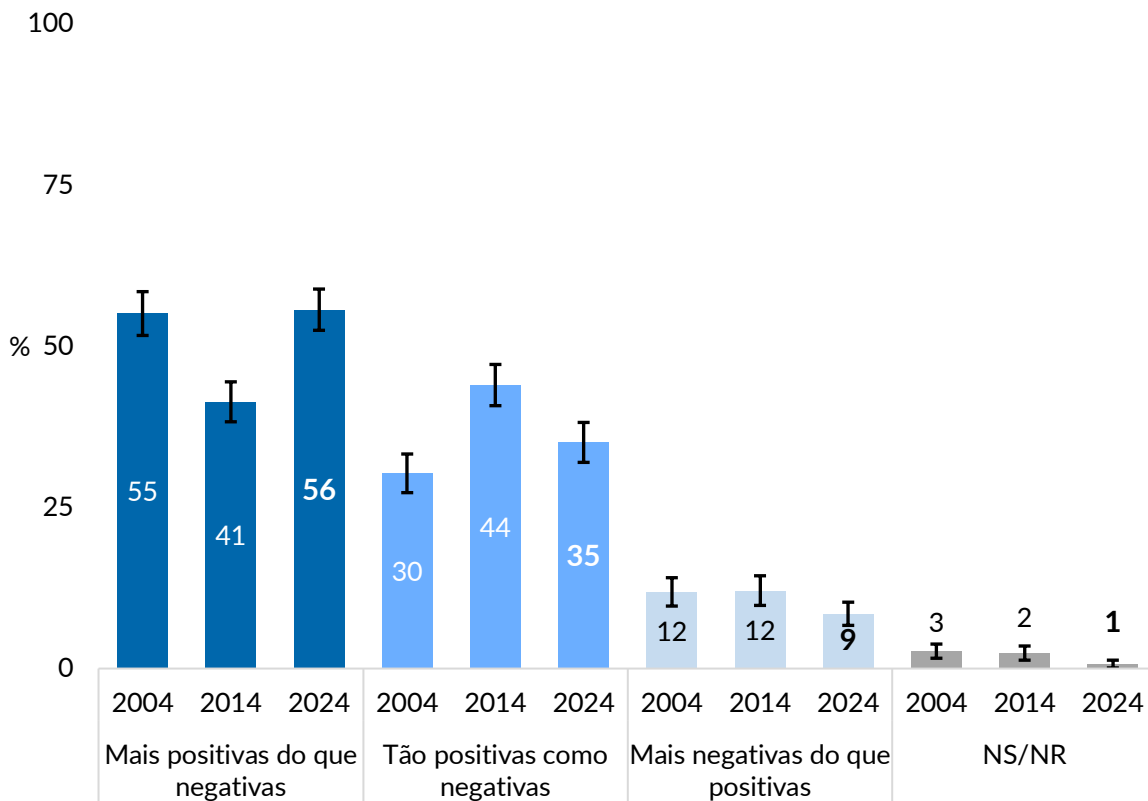
Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril

Em 2024, pouco menos de metade dos inquiridos (45%) considera que a sociedade portuguesa mudou “muito” desde o 25 de abril, sendo que 84% consideram que mudou “muito” ou “bastante”. Em relação a 2004, verifica-se um aumento nas proporções de inquiridos que consideram que a sociedade portuguesa mudou “muito” e que mudou “bastante” (embora esta última opinião tenha sido ainda mais frequente em 2014 que em 2024). Ao mesmo tempo, houve uma redução na percentagem dos que acham que mudou “pouco”. Em 2024, apenas 1% considera que a sociedade portuguesa não mudou “nada”.

## 14. Como avalia as mudanças ocorridas nos últimos 50 anos?

"Em geral, como avalia as mudanças ocorridas nos últimos 50 anos? Acha que foram..."

% em relação ao total dos inquiridos que acham que a sociedade portuguesa mudou "muito" ou "bastante"



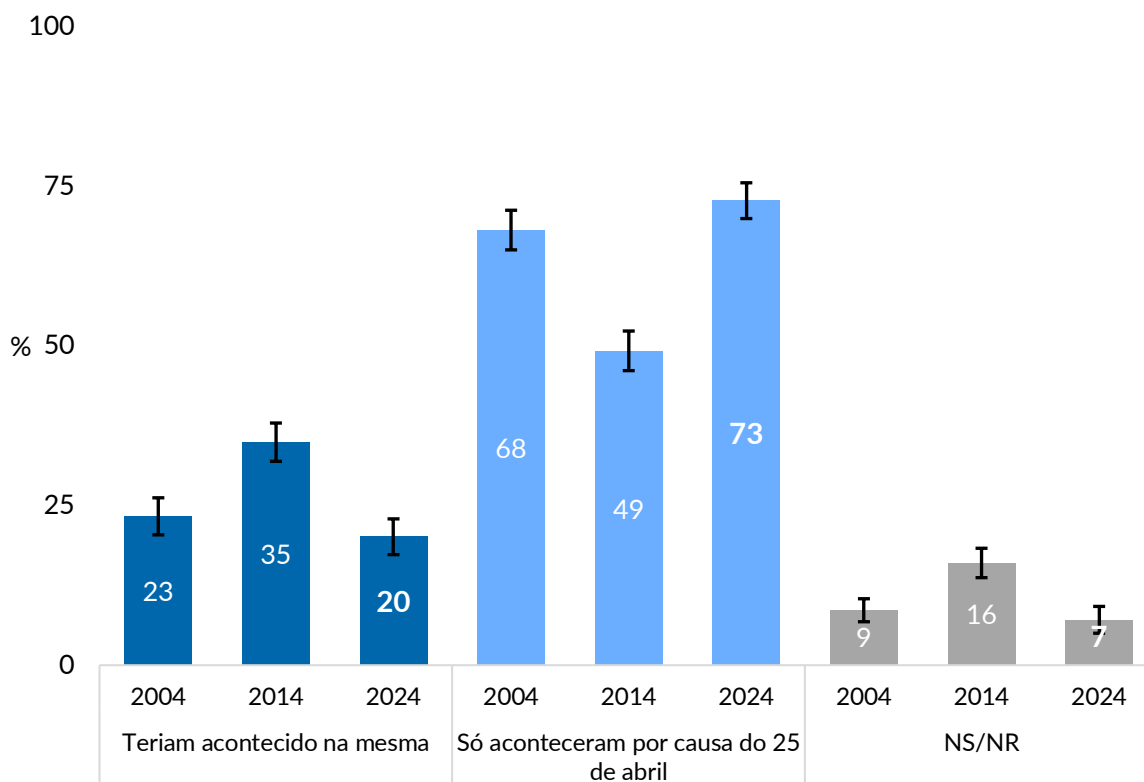
Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril

A maioria dos inquiridos que consideram que a sociedade portuguesa mudou “muito” ou “bastante” nos últimos 50 anos (56%) acha que essas mudanças foram “mais positivas do que negativas”. Trata-se de um valor mais próximo do identificado em 2004 (55%) do que do de 2014 (41%). Por outro lado, a proporção de inquiridos que consideram que as mudanças foram “tão positivas como negativas” (35%) diminuiu face a 2014 (44%). Nos três estudos, apenas cerca de um em cada dez inquiridos considerou que as mudanças foram “mais negativas do que positivas”.

## 15. Acha que estas mudanças teriam acontecido na mesma sem o 25 de abril, ou só aconteceram por causa do 25 de abril?

"Acha que estas mudanças teriam acontecido na mesma sem o 25 de abril, ou só aconteceram por causa do 25 de abril?"

% em relação ao total de inquiridos que acham que a sociedade portuguesa mudou "muito" ou "bastante"



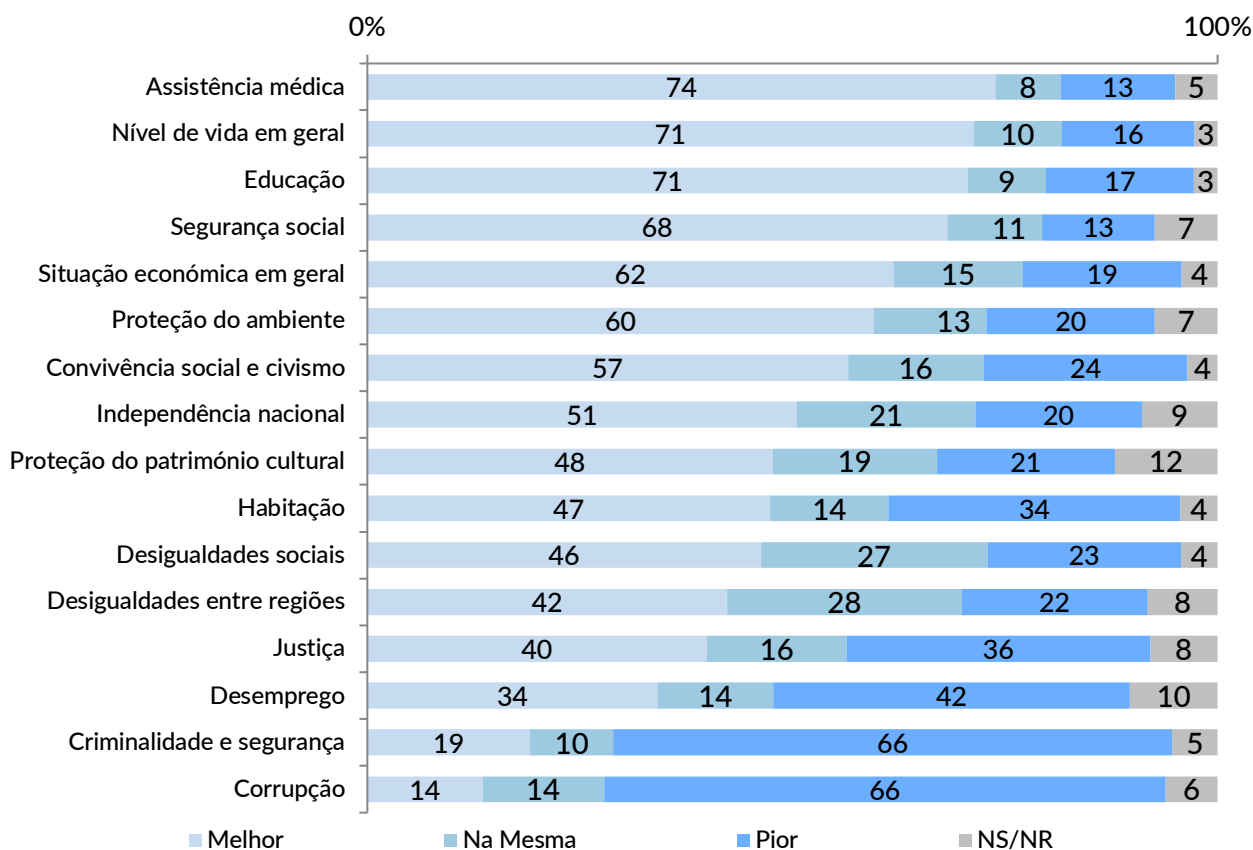
Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril

Quando se perguntou se as mudanças ocorridas nos últimos 50 anos se deveram ao 25 de abril ou teriam acontecido de qualquer maneira, 73% dos inquiridos em 2024 que acham que a sociedade portuguesa mudou "muito" ou "bastante" consideram que estas mudanças "só aconteceram por causa do 25 de abril", enquanto 20% afirmam que "teriam acontecido na mesma". Trata-se de um padrão semelhante ao observado em 2004 (68% e 23%), sendo que, em 2014, a diferença entre os que atribuíam as mudanças ao 25 de abril (49%) e os que pensavam que as mesmas teriam acontecido de qualquer maneira (35%) era muito menor.

## 16. Em relação aos seguintes aspetos, e comparando com o que se passava antes do 25 de abril, acha que as coisas em Portugal estão melhor, ficaram na mesma ou estão pior?

"Em relação aos seguintes aspetos, e comparando com o que se passava antes do 25 de abril, acha que as coisas em Portugal estão melhor, ficaram na mesma ou estão pior?"

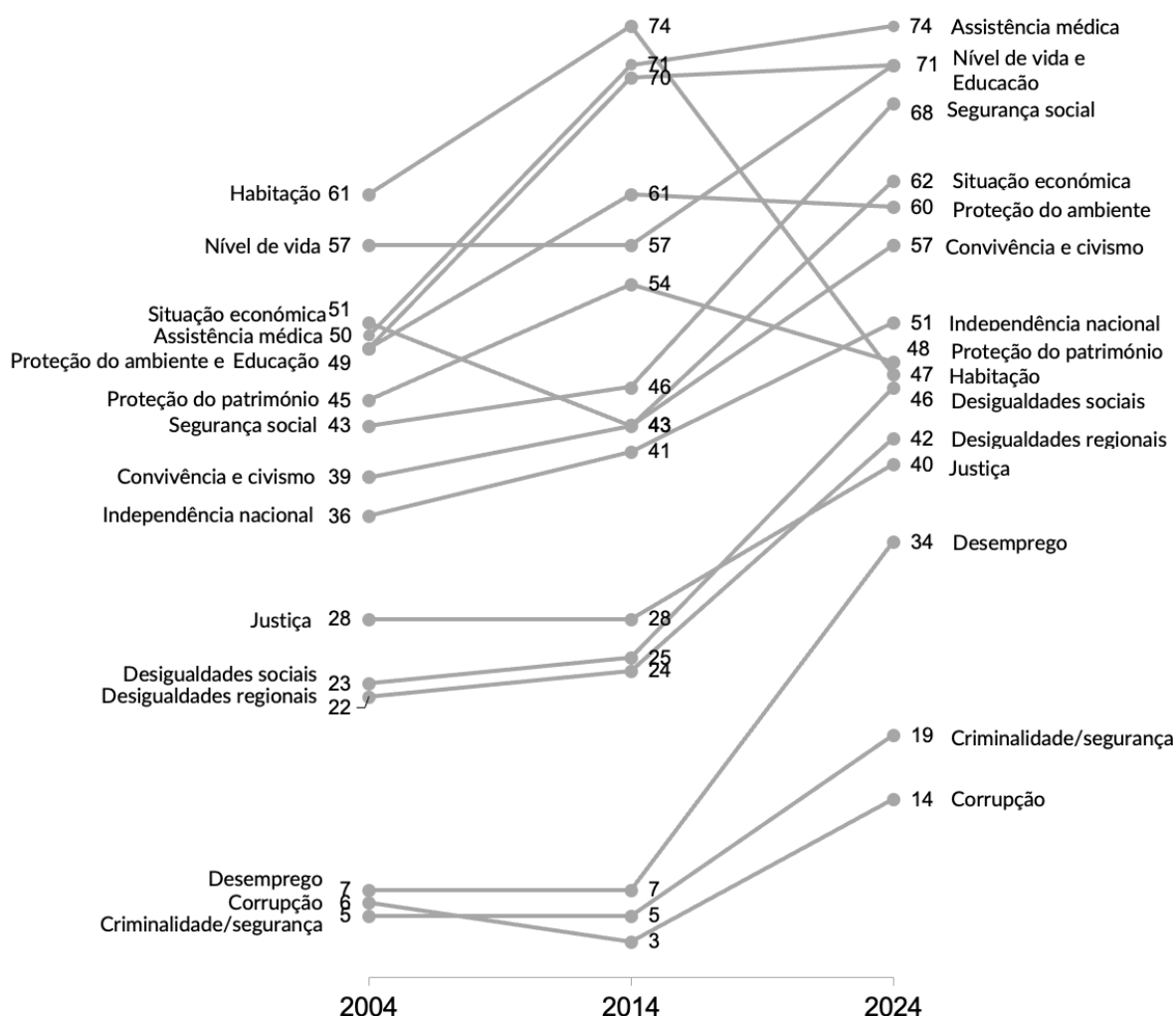
% em relação ao total da amostra



Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024. Valores são arredondamentos à unidade.

Em 2024, há uma maioria de inquiridos que acha que a situação é hoje “melhor” do que a que existia antes do 25 de abril no caso de metade das áreas em análise. A assistência médica é o âmbito em que mais inquiridos consideram que as coisas melhoraram (74%), sendo que o nível de vida em geral (71%), a educação (71%), a segurança social (68%), a situação económica (62%), a proteção do ambiente (60%) e a convivência social e civismo (57%) também são alvo desta opinião por parte de maiorias expressivas. No que diz respeito às desigualdades sociais e às desigualdades entre regiões, 50% dos inquiridos consideram que a situação está “na mesma” ou “pior”. Por fim, há dois aspetos relativamente aos quais há dois terços dos inquiridos a achar que estamos pior agora que antes do 25 de Abril: a corrupção e a criminalidade/segurança.

Comparando com o que se passava antes do 25 de abril...  
% que responde "as coisas estão melhor"



A proporção de inquiridos que indicam melhorias nas diferentes áreas apresenta, ao longo do tempo, padrões de estabilidade e de instabilidade. A estabilidade diz respeito ao facto de a justiça, as desigualdades sociais, as desigualdades regionais, o desemprego, a corrupção e a criminalidade/segurança serem consistentemente, nos três estudos, os aspetos onde menos inquiridos detetaram melhorias em comparação com o que se passava antes do 25 de abril. Por sua vez, a instabilidade decorre do facto de as respostas refletirem as condições sociais e económicas dos momentos em que os estudos foram conduzidos. Por exemplo, em 2024, a proporção de inquiridos que detetam melhorias aumentou face a 2014 em quase todos os domínios, mas a exceção mais clara a este padrão – a habitação – reflete as circunstâncias atuais da sociedade portuguesa. De facto, enquanto 61% detetavam melhorias em 2004 – valor que aumentou para 74% em 2014 – em 2024 já só 47% consideram que neste âmbito as coisas melhoraram desde o 25 de abril.



## 17. “Portugal está hoje tão mal ou pior do que estava antes do 25 de abril”? Questão direta e indireta.

Uma possibilidade em qualquer estudo deste género é que os inquiridos se sintam motivados a ocultar as suas opiniões sinceras, dando respostas que julgam ajustar-se a expectativas ou normas sociais que consideram que são prevalecentes. Neste estudo, procurou-se determinar em que medida isso poderia suceder colocando uma mesma questão de duas maneiras diferentes: direta, pedindo aos inquiridos uma opinião sobre o 25 de abril; e indireta, permitindo aos inquiridos que dessem a mesma opinião mas sem terem de assumir abertamente perante o inquiridor. Para esse fim, usou-me uma técnica conhecida pelo nome de “experiência de lista”.

A todos os inquiridos, aproximadamente a meio do inquérito, foi perguntado se concordavam ou discordavam da seguinte frase, adaptada de uma afirmação de um líder partidário português num debate parlamentar:

*“Portugal está hoje tão mal ou pior do que estava antes do 25 de abril”.*

Depois, no final do inquérito, os inquiridos foram distribuídos aleatoriamente por dois grupos (A e B). Num primeiro momento, cada grupo recebeu uma lista de afirmações e foi convidado a dizer com quantas (mas não com quais) concordava. Havia contudo, uma diferença subtil entre as listas: enquanto a lista do grupo A tinha apenas três afirmações, a lista do grupo B tinha quatro, sendo que a quarta era precisamente a frase “Portugal está hoje tão mal ou pior do que estava antes do 25 de abril”.

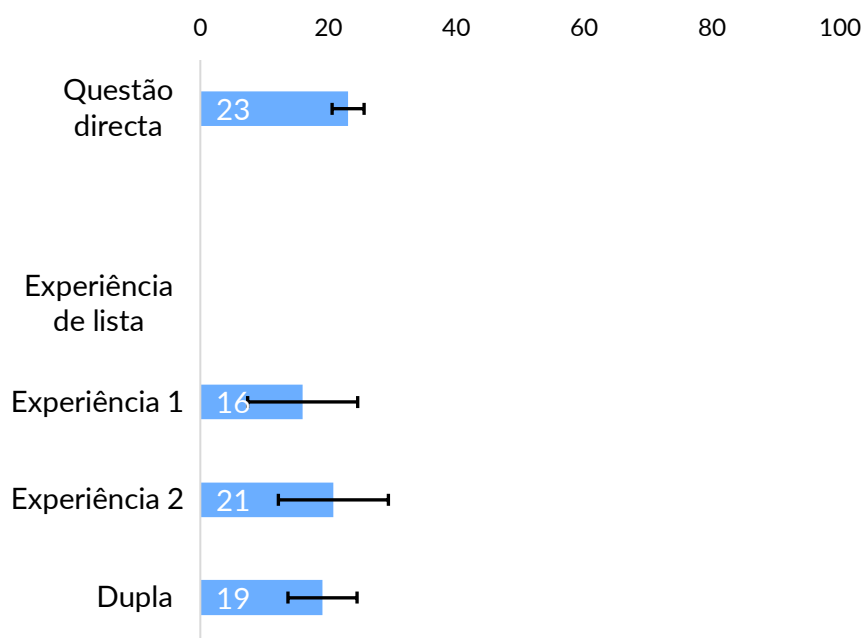
Lista 1, grupo A	Lista 1, grupo B
“Em geral, a imigração tem sido boa para o país” “Foi-se demasiado longe na descriminalização do aborto em Portugal” “Em geral, os serviços públicos em Portugal têm uma qualidade muito alta”	“Em geral, a imigração é boa para o país” “Foi-se demasiado longe na descriminalização do aborto em Portugal” “Os serviços públicos em Portugal têm uma qualidade muito alta” <b>“Portugal está hoje tão mal ou pior do que estava antes do 25 de abril”.</b>

A diferença de médias entre o número de afirmações com as quais o grupo A concordou e o número de afirmações com as quais o grupo B concordou é uma estimativa da proporção de inquiridos que concorda com a afirmação “Portugal está hoje tão mal ou pior do que estava antes do 25 de abril”, obtida de uma forma que não implica que os participantes neste estudo tivessem de assumir essa opinião perante o inquiridor. Este procedimento foi repetido para os dois grupos, mas com novas frases e, desta vez, mudando o grupo exposto à frase “Portugal está hoje tão mal ou pior do que estava antes do 25 de abril”, fazendo o que se chama uma “dupla experiência de lista”.

Lista 2, grupo A	Lista 2, grupo B
“A proteção do ambiente deve ter prioridade sobre o crescimento económico” “A eutanásia deveria continuar a ser ilegal na grande maioria dos casos” “Os impostos sobre os combustíveis deveriam ser aumentados” <b>“Portugal está hoje tão mal ou pior do que estava antes do 25 de abril”.</b>	“A proteção do ambiente deve ter prioridade sobre o crescimento económico” “A eutanásia deveria continuar a ser ilegal na grande maioria dos casos” “Os impostos sobre os combustíveis deveriam ser aumentados”

O gráfico seguinte apresenta as proporções da amostra que concordam com esta afirmação, aferidas através da questão direta, da primeira e da segunda experiências de lista, e do valor médio das duas experiências.

Concordância com a frase “Portugal está hoje tão mal ou pior do que estava antes do 25 de abril” (%)

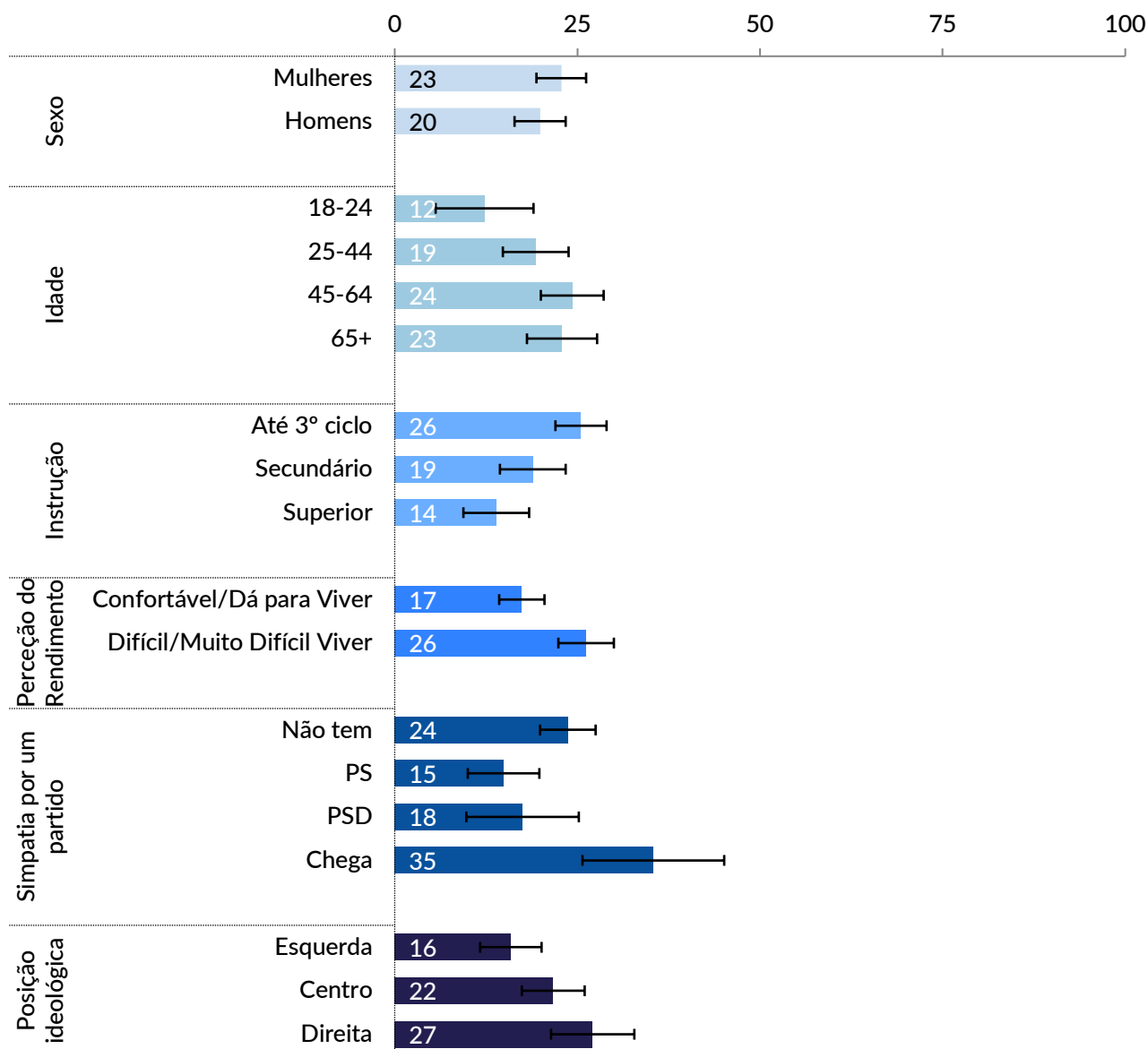


Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024

Os resultados mostram que não há diferenças significativas entre a proporção de inquiridos que dizem concordar com a frase quando a questão é colocada de forma direta e a proporção de concordância estimada através do método indireto da experiência de lista. Por outras palavras, não há evidência de que os inquiridos tenham dado respostas diferentes a esta questão quando tiveram de assumir a sua opinião perante o inquiridor e quando não tiveram de o fazer.

## "Portugal está hoje tão mal ou pior do que estava antes do 25 de abril"

% de respostas "concorda" em cada grupo



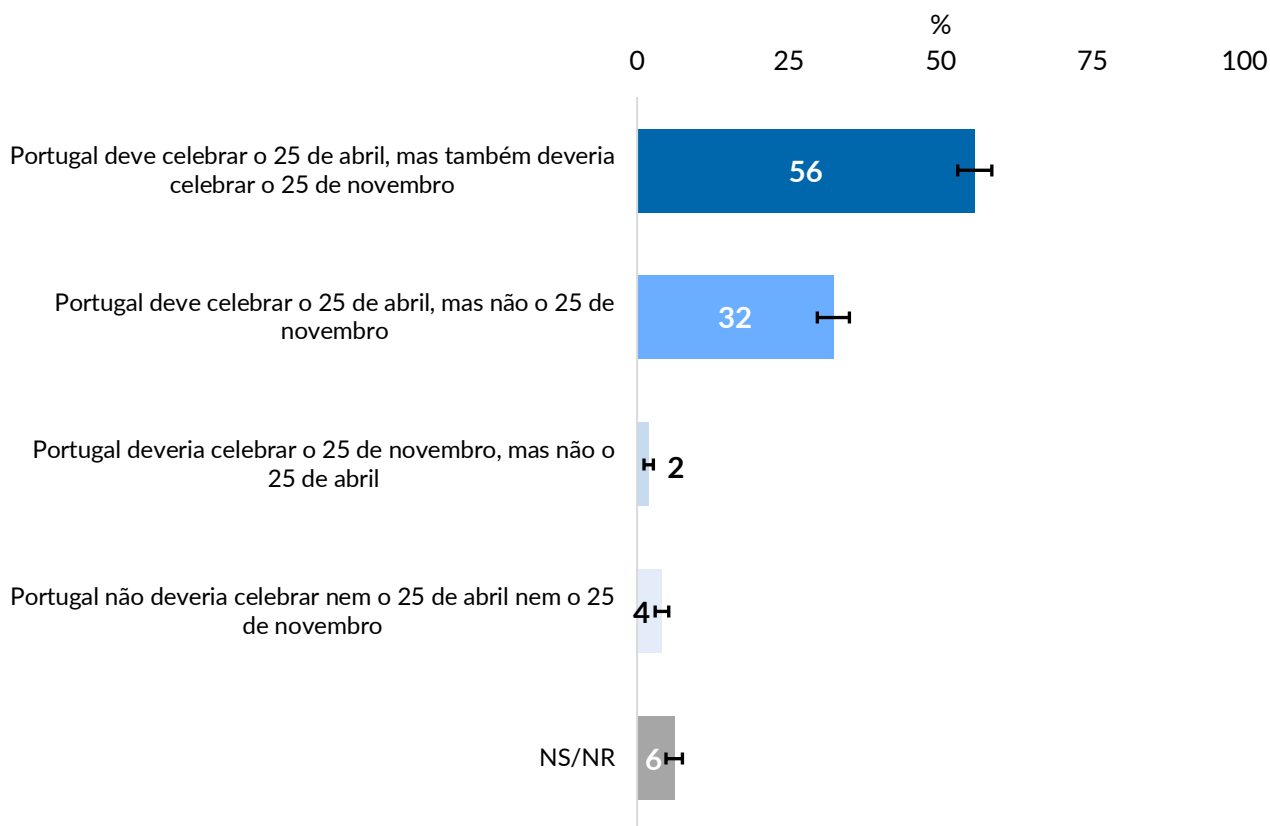
Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024. Valores são arredondamentos à unidade

Em todos os subgrupos analisados, a concordância direta com a frase “Portugal está hoje tão mal ou pior do que estava no 25 de abril” é minoritária. Contudo, há diferenças significativas do ponto de vista sociodemográfico. Quanto maior o nível de instrução, menor a propensão para concordar com essa frase, ao passo que os indivíduos que sentem viver sem dificuldades com o rendimento do seu agregado familiar tendem a exprimir menos concordância do que aqueles que sentem viver com dificuldades. Por outro lado, do ponto de vista sociopolítico, os inquiridos que se posicionam ideologicamente à esquerda exprimem menor concordância com a frase do que os que se posicionam à direita. Finalmente, os inquiridos sem simpatia partidária, bem como os que simpatizam com o PS e com o PSD, tendem a concordar menos com esta frase do que os simpatizantes do Chega.

## 18. Celebrações

"Com qual das seguintes frases mais concorda?"

% em relação ao total da amostra

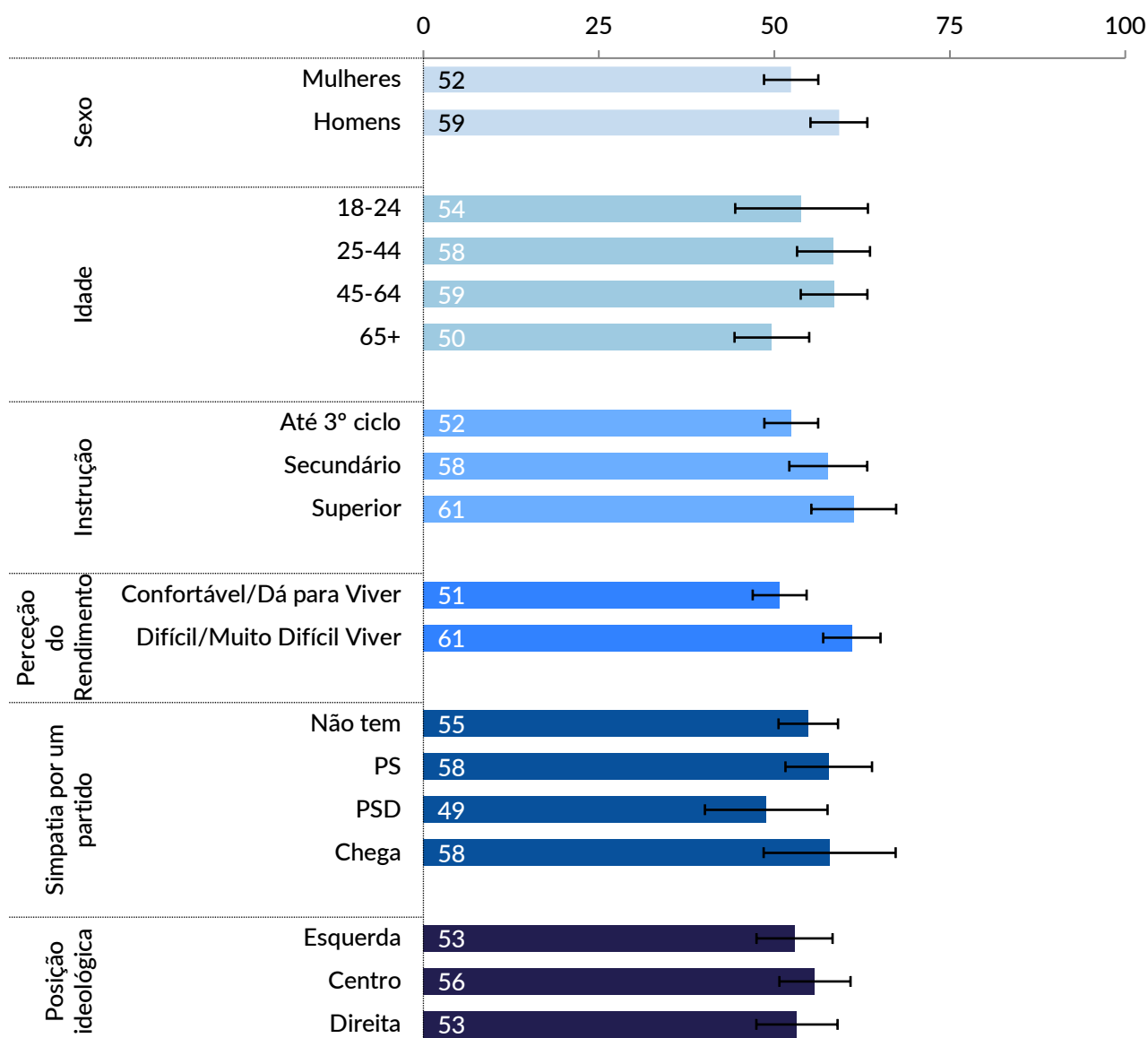


Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024

A maioria dos inquiridos (56%) considera que “Portugal deve celebrar o 25 de abril mas também deveria celebrar o 25 de novembro”. No entanto, cerca de um terço dos inquiridos é da opinião que o 25 de abril deve ser celebrado, mas o mesmo não deveria suceder com o 25 de novembro.

## "Portugal deve celebrar o 25 de abril, mas também deveria celebrar o 25 de novembro."

% de respostas concordantes em cada grupo

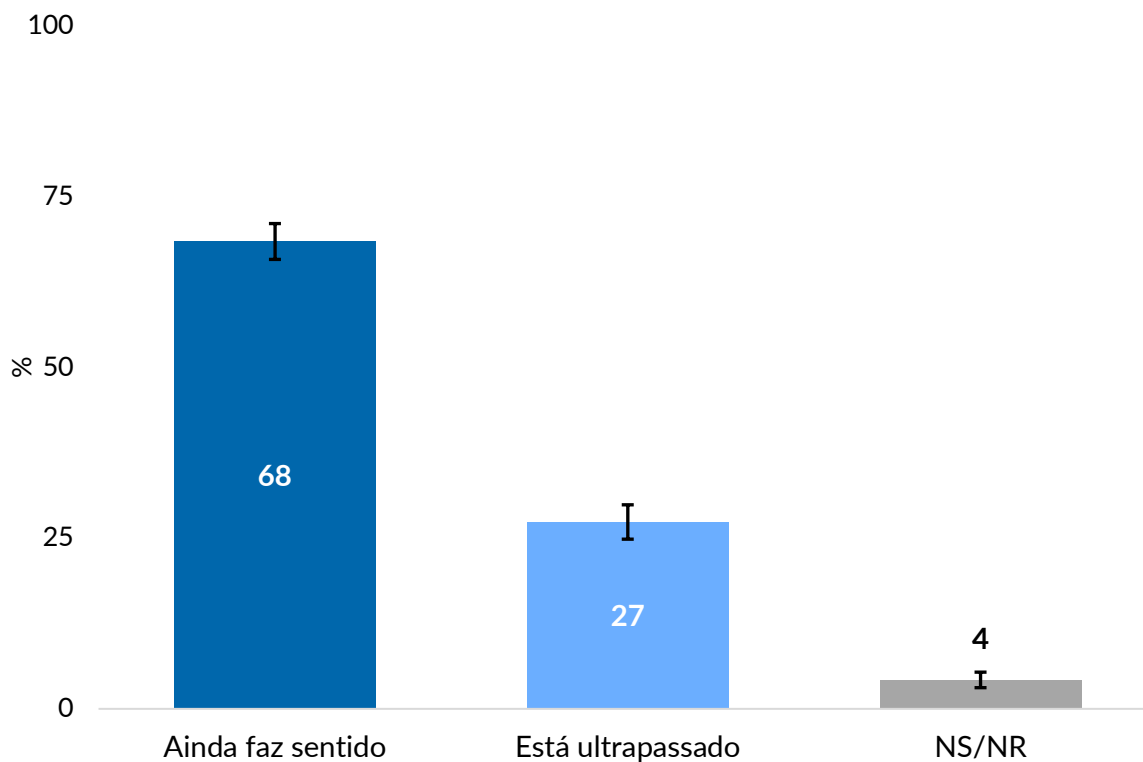


Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024. Valores são arredondamentos à unidade

Ao analisar a opinião dos inquiridos por grupo sociodemográfico, encontram-se poucas variações dignas de nota. De facto, a concordância com a ideia de que “Portugal deve celebrar o 25 de abril, mas também deveria celebrar o 25 de novembro” é tendencialmente maioritária em todos os subgrupos. No entanto, entre aqueles que sentem viver com menos dificuldades, a concordância com a celebração das duas datas é menor do que entre aqueles que dizem ter mais dificuldades. Do ponto de vista sociopolítico, não há diferenças assinaláveis entre os simpatizantes dos vários partidos. Em termos ideológicos, as diferenças são também pouco expressivas. Em suma, não há grandes clivagens sociodemográficas ou sociopolíticas no que toca à concordância com a ideia de que as duas datas deveriam ser celebradas.

## "Acha que este modelo de comemoração oficial ainda faz sentido ou que está ultrapassado?"

% em relação ao total de cada amostra



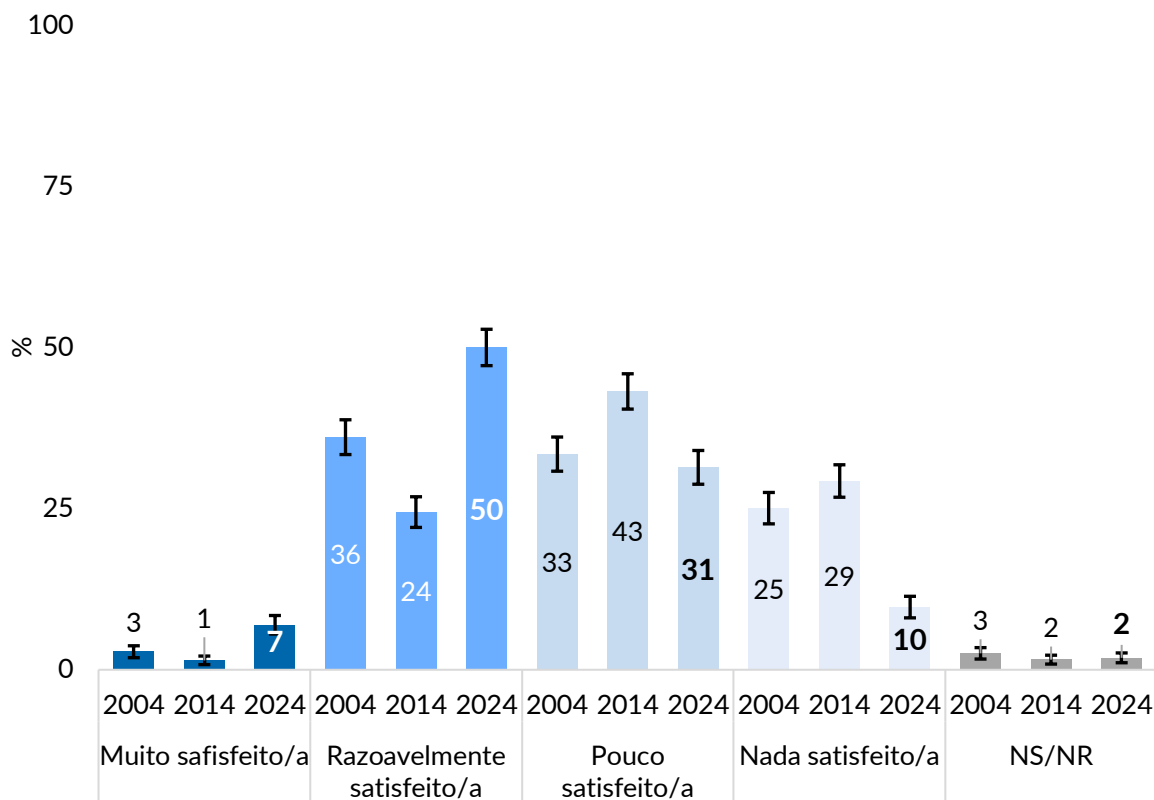
Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024

A maioria dos inquiridos (68%) neste estudo de 2024 é da opinião que o atual modelo de comemoração oficial – na Assembleia da República, com a participação de representantes dos partidos políticos e outras altas figuras da nação – ainda faz sentido, enquanto 27% consideram-no ultrapassado.

## 19. Satisfação com o funcionamento da democracia

"De um modo geral, está muito satisfeito/a, razoavelmente satisfeito/a, pouco satisfeito/a ou nada satisfeito/a com a maneira como funciona hoje a democracia em Portugal?"

% em relação ao total de cada amostra em cada ano

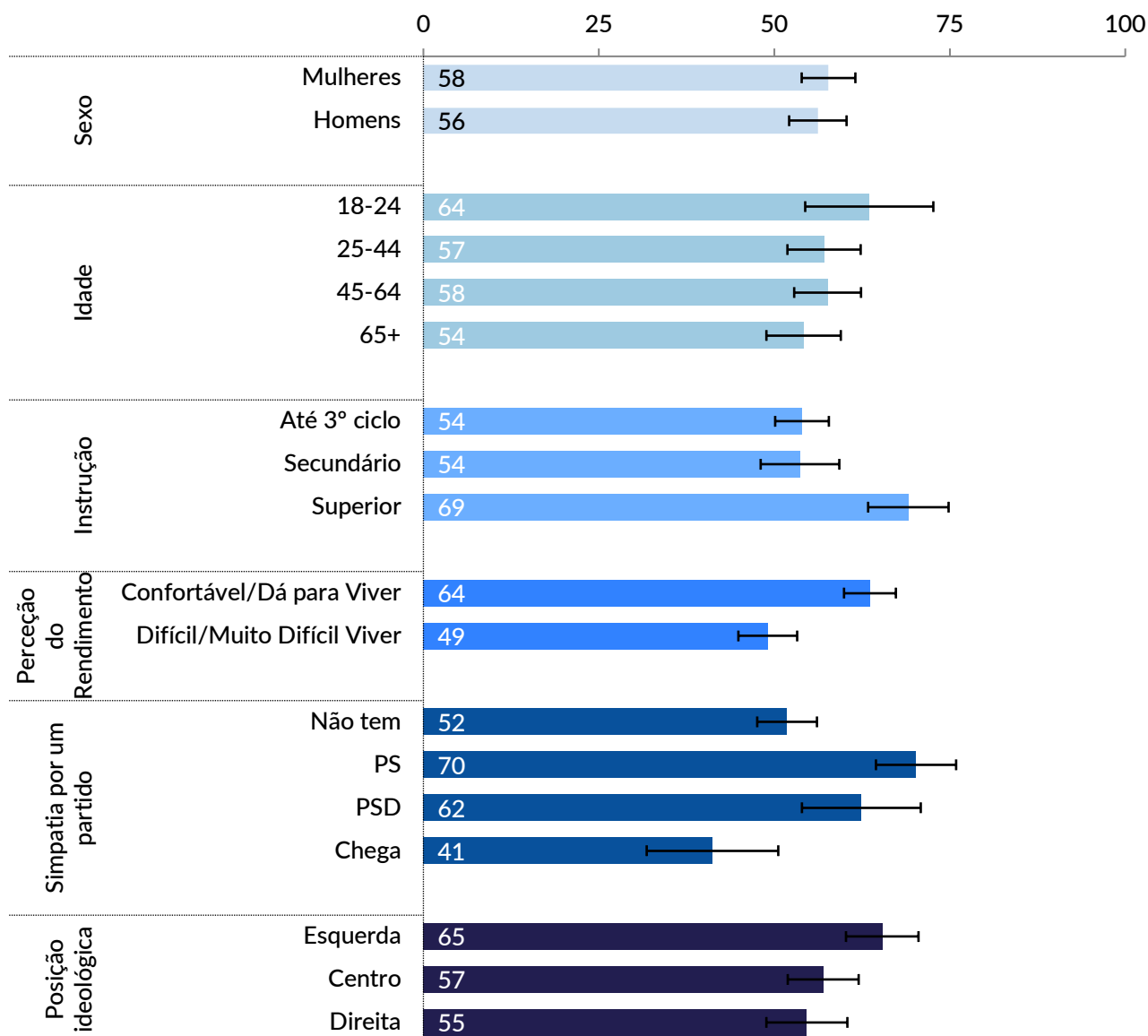


Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril de 2024

A maioria dos inquiridos (57%) diz-se “muito” ou “razoavelmente” satisfeita “com a maneira como funciona hoje a democracia em Portugal”. Trata-se do valor mais elevado obtido nos três estudos aqui analisados. Ao mesmo tempo, a proporção dos que se dizem “nada” satisfeitos representa bastante menos de metade da identificada em 2004 e 2014.

## Grau de satisfação com a democracia em Portugal

% de respostas "muito" ou "razoavelmente" satisfeito/a em cada grupo



Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024. Valores são arredondamentos à unidade

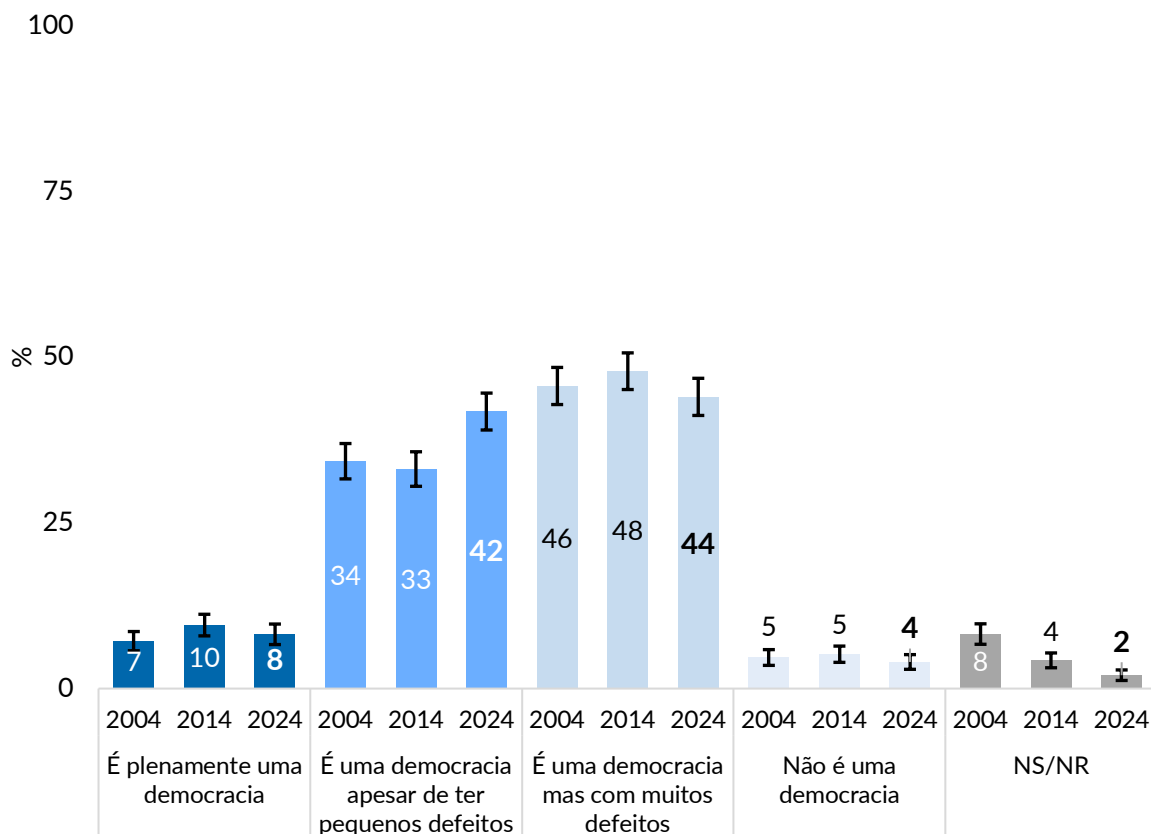
Não há diferenças muito pronunciadas entre grupos sociodemográficos e sociopolíticos no que toca à satisfação com a maneira como a democracia funciona em Portugal. Dito isto, a satisfação tende a diminuir com a idade, bem como a ser mais alta entre os que completaram o ensino superior e entre os que vivem melhor com o rendimento do seu agregado. É ainda tendencialmente menor entre os inquiridos que se posicionam à direita ou ao centro do que entre os que se declaram de esquerda. Os inquiridos que não têm simpatia partidária e (especialmente) os que simpatizam com o Chega, quando comparados com os simpatizantes com o PS ou o PSD, reportam menos estar “muito” ou “razoavelmente” satisfeitos com o funcionamento da democracia em Portugal. Entre o grupo de simpatizantes com o Chega, de resto, a expressão de satisfação é minoritária.



## 20. Até que ponto se pode dizer que Portugal é uma democracia hoje em dia?

"Na sua opinião, até que ponto se pode dizer que Portugal é uma democracia hoje em dia?"

% em relação ao total de cada amostra em cada ano



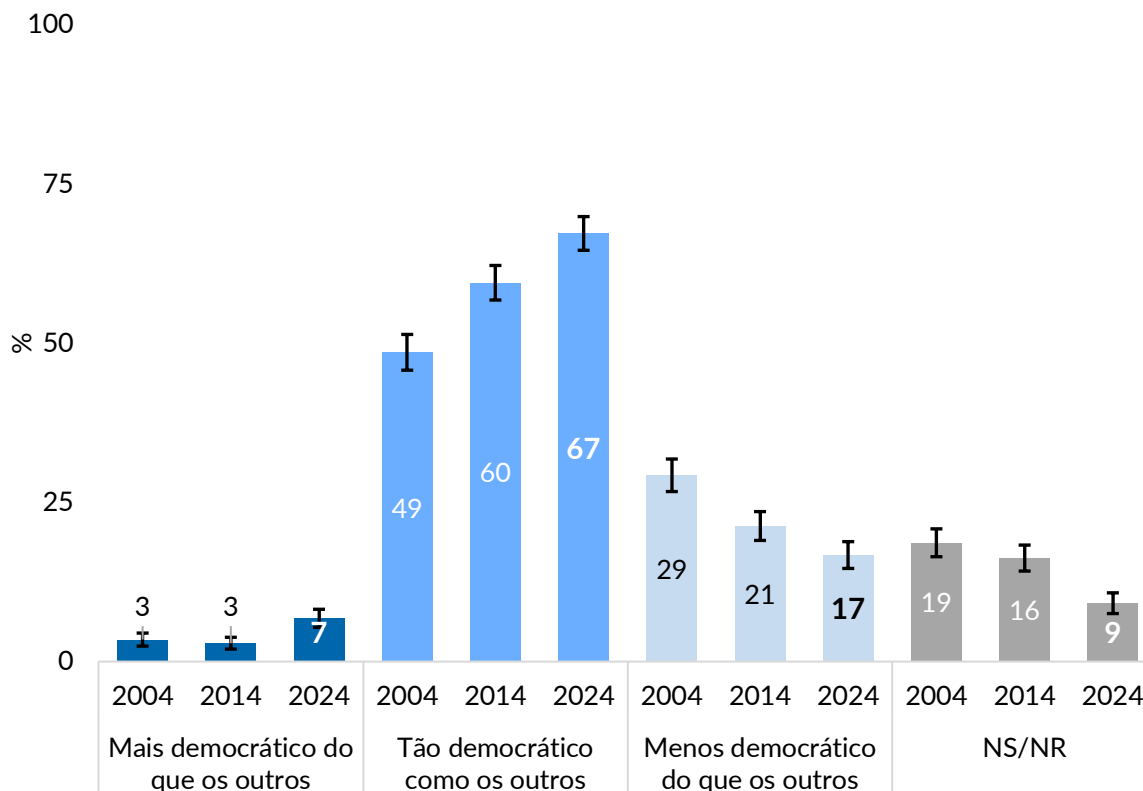
Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril de 2024

Quase todos os inquiridos entendem que Portugal é, hoje em dia, uma democracia (94%). Contudo, entre estes, 8% veem-na como uma democracia “plena”, 42% como uma democracia com “pequenos defeitos”, e 44% como tendo “muitos defeitos”. Em comparação com 2004 e 2014, verifica-se em 2024 uma ligeira diminuição da proporção daqueles que consideram Portugal uma democracia com muitos defeitos. Ao mesmo tempo, aqueles que entendem que Portugal é “uma democracia apesar de ter pequenos defeitos” são agora bastante mais numerosos do que há 10 ou 20 anos.

## 21. A democracia portuguesa em comparação com as europeias.

"Comparando Portugal com o resto da Europa, acha que o nosso regime é em geral, mais democrático do que os outros, tão democrático como os outros ou menos democrático do que os outros?"

% em relação ao total de cada amostra em cada ano

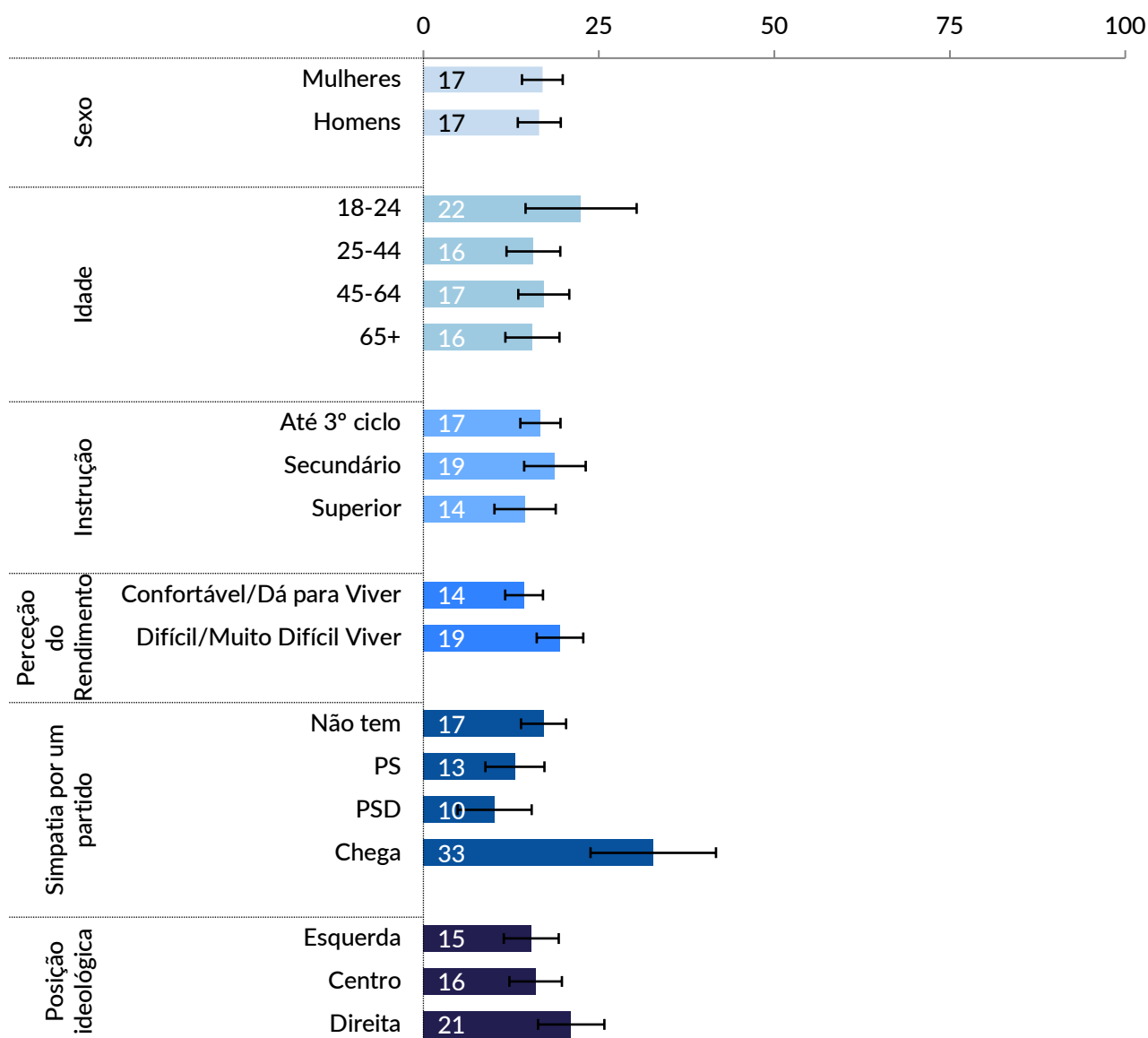


Recolha 2024: 20 de março a 4 de abril de 2024

Em 2024, a maioria dos inquiridos (67%) considera Portugal “tão democrático” quanto os restantes países europeus. Esta percentagem tem vindo a subir gradualmente desde 2004. Em paralelo, verifica-se uma descida acentuada, entre 2004 (29%) e 2024 (17%), na proporção de inquiridos que entendem que Portugal tem um regime “menos democrático” que o resto da Europa. No estudo mais recente, a proporção dos que não sabiam ou recusaram responder a esta pergunta é muito menor que em 2004 e 2014.

"Comparando Portugal com o resto da Europa, acha que o nosso regime é.."

% de respostas "menos democrático que os outros" em cada grupo



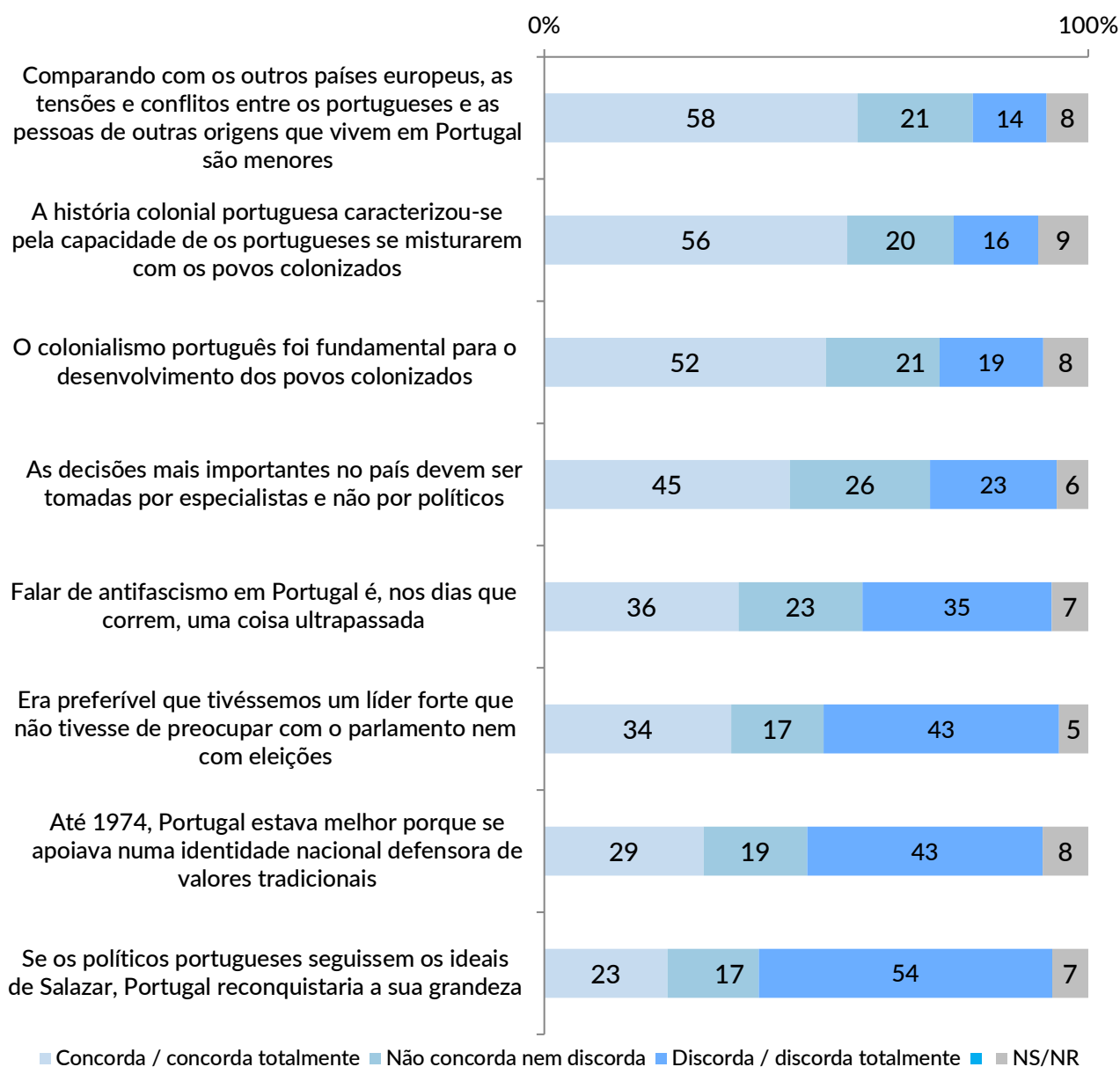
Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024. Valores são arredondamentos à unidade

A perceção de que Portugal é um país “menos democrático” que os outros países europeus, sendo minoritária, é ligeiramente menos frequente entre quem tem mais de 24 anos e entre quem completou o ensino superior. Tende, por outro lado, a ser comparativamente mais frequente entre aqueles que reportam ser difícil ou muito viver com o rendimento atual. Adicionalmente, esta visão sobre a democracia portuguesa é partilhada por cerca de um em cada cinco inquiridos que se definem como de direita, um valor ligeiramente superior ao encontrado entre os que se posicionam à esquerda ou ao centro. Por último, os inquiridos que reportam simpatizar com o Chega expressam mais a ideia de que em Portugal o regime “é menos democrático do que os outros” do que os simpatizantes do PS e do PSD e os que afirmam não sentir simpatia por um partido.

## 22. Atitudes sociais e políticas

Até que ponto concorda ou discorda das seguintes frases?

% em relação ao total da amostra



Recolha: 20 de março a 4 de abril de 2024. Valores são arredondamentos à unidade.

Há variações importantes no grau de concordância dos inquiridos com um conjunto de afirmações que visam captar diferentes tipos de atitudes políticas. No que diz respeito às atitudes sobre o colonialismo português, maiorias partilham uma visão favorável das suas características e efeitos: 56% concordam com a ideia de que os portugueses tiveram a capacidade de se “misturarem com os povos colonizados” e 52% consideram que “o colonialismo português foi fundamental para o desenvolvimento” desses povos. Mais ainda, 58% concordam que existem menos “tensões e conflitos entre os portugueses e pessoas de outras origens que vivem em Portugal” que noutros países europeus.

No que diz respeito a atitudes em relação a formas de governo, apenas 23% dos inquiridos rejeitam a ideia de que “as decisões mais importantes devem ser tomadas por especialistas e não por políticos”, ao passo que 43% discordam que fosse “preferível que tivéssemos um líder forte que não tivesse de se preocupar com o parlamento nem com eleições”. Por outras palavras, a rejeição explícita de formas de governo incompatíveis com a democracia representativa é minoritária neste inquérito.

Destaque-se ainda que os inquiridos estão divididos quanto à relevância de “falar de antifascismo” nos dias de hoje: 36% “concordam” ou “concordam totalmente” com a ideia de que é “uma coisa ultrapassada”, 35% “discordam” ou “discordam completamente” desta afirmação, e 23% “não concordam nem discordam”.

Por fim, as frases que receberam menos concordância foram “Até 1974, Portugal estava melhor porque se apoiava numa identidade nacional defensora de valores tradicionais” e “Se os políticos portugueses seguissem os ideais de Salazar, Portugal reconquistaria a sua grandeza”. Ainda assim, apenas 43% rejeitam a primeira ideia e 54% a segunda.

